

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Salomão Rovedo
Cancioneiro de Upsala
Edição bilingue



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Salomão Rovedo

Cancioneiro de Upsala

Tradução e Notas

Da Edição de 2001 do autor, a quem pertence os Direitos Autorais.

Salomão Rovedo
(1942)

“Projeto Livro Livre”

Livro 702



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2015
www.poeteiro.com

CANCIONERO DE UPSALA



SALOMÃO ROVEDO
(INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS)
(edição bilingue)

Villancicos
De diversos Autores,
A dos, y a tres,
Y a quatro, y a cinco bozes,
Agora nuevamente corregidos.

Ay mas ocho tomos de
Canto Llano,
Y ocho tomos de
Canto de Organo,
Para que puedan aprovechar
Los que a cantar começaren,
Que gañou o selo:

Venetiis, Apud
Hieronymum Acotum
MDLVI

ESTE CANCIONEIRO DE UPSALA

Por obra e graça do mano e compositor Roberto Eloy, chegou-me às mãos, diretamente do Pantanal Matogrossense, uma gravação do Cancioneiro de Upsala, executada pela Camerata Antiqua de Curitiba, sob a direção do maestro Roberto de Regina.

Acompanha a gravação um folheto contendo textos introdutórios assinados por Roberto de Regina, Osvaldo Colarusso – Regente da Orquestra Sinfônica do Paraná – além de um estudo da professora Cassiana Lacerda Carollo.

O inesperado presente só me trouxe alegria, já que tais produções raramente são divulgadas de modo a atingir o grande público. Às minhas mãos sei que jamais chegaria, a não ser por obra do Destino!

E tanto foi o meu agrado que me deu ganas de fazer a versão nordestina, em forma de Literatura de Cordel. Para que a empreitada seja completa estão convocados os músicos nordestinos e forrozeiros. Mas, para lamentar, até hoje (2009) não realizei essa idéia. Fica em aberto para quem quiser.

Sou amador e adorador de coisas que sinalizam as raízes culturais do nosso passado. Os Cancioneiros são um marco importante da transição da poesia popular. São versos muito gostosos de serem lidos e mais especiais ainda se forem cantados.

Este cancioneiro, em particular, vem do tempo que os historiadores chamaram de A Idade de Ouro da Espanha (1516-1598). Estudiosos de literatura põem dúvidas de que este Cancioneiro seja literário, não só porque é cantado, mas porque sua composição abrange temas de toda espécie. Por ser, assim, um cancioneiro livre, com certeza, é um dos melhores e mais ricos que chegaram até hoje.

Ora, a chamada Idade de Ouro, foi um período ao mesmo tempo trágico: estávamos em plena Idade do Absolutismo católico que fechou as portas da Espanha às influências externas, atirando-a contra outras nações (Itália e Países Baixos). Completava o cenário a limpeza étnica dos mouros (quase um genocídio) e a atuação vigorosa contra países onde nascia a Reforma iniciada por Lutero. E para completar, vivia-se o terror da Inquisição.

Apesar das letras deste Cancioneiro se limitar a falar o que o poder constituído permitia, as composições não se prendem às regras vigentes e avança. A nível popular, o Cancioneiro fala da vida alheia, diz fofocas, cantam amores, desejos

proibidos, traições. Fala de saudade, da religiosidade, de sexo, da situação da mulher e da sociedade como um todo.

Ao se fazer um imaginário paralelo com a nossa Literatura de Cordel, que também pode ser considerada filha ilegítima dos cancioneiros, nota-se que falta o detalhe que o manteria imortal e não uma simples curiosidade poético-musical: contar mais sobre a vida cotidiana, sobre a sociedade, sobre a política, invadindo temas proibidos com sutileza e talento.

Porque a Literatura de Cordel, a mais marginal de todas as formas de escrita, sobrevive porque trata – além dos temas popularescos – dos costumes, da medicina popular, da religiosidade, sendo a principal fonte de comunicação, repetindo as figuras medievais dos trovadores, que davam as notícias cantando e cantando incitavam o populacho a tomar atitudes coerentes com a sua situação social.

Pois, para encerrar aqui o tema da pobreza literária, digo que a verdadeira Idade de Ouro viria depois da falência do absolutismo (como algures, depois das ditaduras), com Calderón de la Barca, Santillana, Quevedo, Góngora, Lope de Vega, Cervantes, etc.

Já a época citada pela história como A Decadência (1598-1700), como disse um historiador, foi uma era de declínio, perceptível em todos os domínios, exceto nas letras e nas artes.

Rio-me aqui sozinho, comungando a alegria de saber que a arte sempre se mantém viva apesar dos opressores. É como uma semente, que fica ali, no deserto ou sob o gelo, durante séculos e séculos, para logo germinar ao ser irrigada pelas primeiras gotas de sereno, pelas lágrimas de saudade ou debaixo do estrume de um dinossauro, se não quisermos ser tão poéticos.

O interessante deste Cancioneiro, em particular, é que se trata de um ajuntado de poemas em várias línguas de raízes hispânicas: o castelão, o galego, o catalão, muitas vezes tudo isso misturado, porque as línguas eram como dialetos conjugados. Eram linguagens coloquiais, falava-se para se fazer entender entre si, como um código de proteção, assim como a gíria.

Não é o dialeto mais um código de entendimento, de circulação restrita, do que língua propriamente dita, que nasce com a legalização do dominador? Hoje, graças à vontade, determinação e ao sangue quente dessa gente, se conserva o Catalão, o Basco, o Galego, o Castelhanu – com o tratamento literário da língua verdadeira, com gramática e tudo, ouvidas em rádio e TV, lidas em jornais e livros, estudadas nas escolas, mas principalmente com o povão falando em seu cotidiano.

Dele disse o maestro Roberto de Regina: *“O Cancioneiro de Upsala [é] uma incursão pelos meandros dos sentimentos através da sua poesia, de delicadas acrobacias literárias”*.

Oswaldo Colarusso fala sobre o Villancico: *“Pela simplicidade e pureza de escrita, os Villancicos são lembrados pelos coros e madrigais de todo o mundo”*.

Que diferença de acrobacia literária – para simplicidade e pureza de escrita, né? O folheto não diz de quem é a tradução. Apenas dá uma dica que é da professora Cassiana Lacerda Carollo, por causa do estudo introdutório, aliás, bem explicativo, que traz interessantes conotações sobre a influência e ligação da canção árabe sobre o Villancico.

No entanto, cismeii com acopiagem e, em consequência, com a tradução. Mas não era de se esperar que tudo não saísse perfeito, visto que o texto foi extraído da reprodução fac-similar? Ora bolas, pra que tanto trabalho? Por que não solicitaram uma transcrição das que já existem, feitas por especialistas, inclusive anunciadas no libreto? Esse fato ocasiona certas dúvidas que só se poderia tirar lendo o original, mas vejamos algumas.

Original:

“Y dezid Serranicas, h
Deste mal si morir .”

Tradução do libreto:

“E dizei, Serraninhas, ei,
Se deste mal eu morrerei”.

Minha tradução:

“Ei Serranicas dizei
Se deste mal morrerei”.

Veja estes versos lindos, lindos:

Original:

“Soy la sin espina rosa,
Que Salomon canta y glosa,
Nigra sum sed formosa,
Y por mi se cantarà.

Yo soy la mata inflamada,
Ardiendo sin ser quemada,
Ni de aquel fuego tocada
Que a las otras tocar .”

Tradução do libreto:

“Sou a rosa sem espinhos,
Que Salomon canta e glosa,
Sou morena e formosa,
E por mim se cantará.
Eu sou a mata inflamada,
Ardendo sem ser queimada,
Nem daquele fogo tocada,
Que a outras tocar .”

Minha tradução:

“Sou sem espinhos a rosa
Que Salomão canta e glosa
Negra sou muito formosa
E por mim se cantará.
Sou a mata incendiada
Ardendo sem ser queimada
Daquele fogo intocada
Que s outras tocar .”

Aqui apanhei em sum sed, que parece latim. Não seria sun sed? Neste caso, não seria, Negra sem ser [apesar de não ser] formosa? Agora, negra – que traduziram morena – é biblicamente imprescindível. Sim! E Salomon é traduzível. Sim! E parir é parir mesmo, não é dar a luz. Sim! Ademais, corrigiram o texto enchendo-o de vírgula, ponto-e-vírgula e muitos pontos, sabe-se lá seguindo quais critérios (isso está em todo o trabalho).

O formato das rimas é bem claro: AAABCCCB, né? Pois pra que sacrificar logo a primeira estrofe? Por que não todos setessilábicos e perfeitamente rimados, à moda de cordel? Também não consegui entender por que substituíram todos os acentos agudos, comuns no espanhol, mesmo medieval, pelo grave (francês provençal?). Exemplos: è (é) – pard(ò)ón – v(ò)ós – o(i)í – merec(i)í – ass(i)í – ser(i)ía. Só se for pelo viés catalão...

Transita-se com facilidade entre acrobacia literária, simplicidade e pureza de escrita. O estudo introdutório é bem explicativo e traz interessantes conotações sobre a influência e ligação da canção árabe sobre o Villancico.

Aqui também nos remete ao cordel, aos cantadores nordestinos, cuja tonalidade da viola e mesmo a cantoria de notas longas lembram canções e orações árabe/gitano/andaluz (flamenco).

Achei obra toda simplesmente lindíssima. As vozes, abrindo com Simone Foltran (maravilhosa!), todas de primeiríssima qualidade. Ademais montaram uma orquestra com instrumentos muito próximos dos citados na partitura original, tudo isso é maravilhoso! Maravilha mesmo! E repito: que bom que meu presente surpresa tenha assim chegado!

Porém, outro detalhe me trouxe muita dúvida e apreensão: será que a tradução foi autocensurada? E qual a razão dessa autocensura? Pois não é que traduziram **Ser madre del que pariste** por **Ser mãe daquele a quem deste à luz**? É realmente uma sacanagem. Parece tradução corrigida por um programa tipo assim MSWord, que a qualquer “trepas”, não importa se numa árvore, numa escada ou num trampolim, corrige para “ter relações sexuais”!! Como se diz pela internet, rs rs rs rs...

Por essas e por outras, cismei com a cópia e, em consequência, com a tradução. Aí me arrisquei a remediá-la, correndo todos os riscos.

No entanto, só para ver como me apaixono por essas coisas: a minha vontade mesmo era aproveitar o trabalho e re-traduzir o Cancioneiro todinho, acrescentando um tempero nordestino, assim tipo cordel. Se um dia o fizer, fica claro que farei só pra mim, sem divulgar, sem interesse comercial, só por prazer.

Mas, haja vontade, disposição, pesquisa e tempo!

No entanto, certamente tive o cuidado de corrigir algumas aberrações, como as citadas acima, assim como consertar a métrica, posto que os versos originais são metrificados, rimados e ritmados – senão como seriam cifrados e interpretados, né?

Na versão que acompanha o CD, esse detalhe foi deixado de lado.

Se eu consegui realizar a idéia, digam vocês, porque eis aqui o Cancioneiro de Upsala todinho, na versão original e na minha modesta tradução.

CANCIONERO DE UPSALA

TRADUÇÃO
SALOMÃO ROVEDO

*"e o mesmo sucederá a todos quanto
quiserem traduzir para seus idiomas livros de
versos, que, por muito cuidado que nisso
ponham, e por mais habilidade que mostrem,
nunca hão de igualar ao que eles valem no
original."*

Miguel de Cervantes Saavedra, Dom Quixote

Versão baseada no opúsculo bilingue de "Villancicos" (1556) da Biblioteca da Real Universidade de Upsala, Suécia, que acompanha a primeira gravação mundial da obra completa (2 CD), executada pela Camerata Antiqua de Curitiba, sob a Regência de Roberto de Regina (Detalhes no final)

I Como puedo yo bivar Si el remedio tras que ando ¿No tiene como ni quando?	I Como eu posso viver Se a cura qu'estou buscando Não tem como nem tem quando?
El como no puede avello Quando no sa d'esperar Mas ay siempre en mi pesar Quando y como padecello Como podré sostenelo Si el remedio tras que ando ¿No tiene como ni quando?	O como não pode haver Quando não sabe esperar Mas há sempre o meu pesar Quando e como padecê-lo Como poderei mantê-lo Se a cura qu'estou buscando Não tem como nem tem quando?
II Y dezid Serranicas hé Deste mal si moriré	II Ei Serranita dizei Se deste mal morrerei
Por qu'el remedio y mi mal Nacen de una causa tal	Por que o remédio e meu mal Nascem de uma causa tal
Que me hazen inmortal Por de morir no podre.	Que me fazem imortal E morrer não poderei.
Deste mal si moriré Que de ver la Serranica	Deste mal sim morrerei Só de ver a Serranita

Tan graciosa y tan bonita
Mi dolor me certifica
Que jamás no sanaré
Deste mal si moriré.

III

Dime robadora
¿Que te mereci?
¿Que ganas agora?
¡Que muera por ti!
Yo siempre sirviendo
Tu siempre olvidando
Yo siempre muriendo
Tu siempre matando
Yo soy quien t'adora
Y tu contra mi
¿Que ganas agora?
¡Que muera por ti!

IV

No soy yo quien veis bivar
No soy yo
Sombra soy de quien murió
Señora ya no soy yo
Quien gozaba vstra gloria
Ya es perdida mi memoria
Que en outro mundo está
El que fue vstro y será
No soy yo
Sombra soy de quien murió.

V

No me los amuestres mas
Que me matarás
Son tan lindos e tan bellos
Que a todos matas con ellos
Y aunque yo muero por vellos
No me los amuestres mas
Que me matarás.

VI

Yéndome y viniendo
Me fui namorando

Tão graciosa tão bonita
Minha dor me certifica
Que jamais não sararei
Deste mal sim morrerei.

III

Diz-me sua ladra
O que mereci?
Que queres agora?
Que morra por ti!
Eu sempre atendendo
Tu sempre olvidando
Eu sempre morrendo
Tu sempre matando
Eu sou quem te adora
E tu contra mim
Que queres agora?
Que morra por ti!

IV

Não sou eu quem vês viver
Não sou eu
Sombra sou de quem morreu
Senhora já não sou eu
Quem gozava vossa glória
Perdida está minha memória
Que no outro mundo está
O que foi vosso e será
Não sou eu
Sombra sou de quem morreu.

V

Não me mostres nunca mais
Porque me matarás
São tão lindos e tão belos
Que a todos matas com eles
E ainda que morra por vê-los
Não me mostres nunca mais
Porque me matarás.

VI

Indo-me e vindo
Fui me enamorando

Una vez riendo
Y outra vez llorando.

Yo estava sin veros
De amor descuydado
Mas en conoceros
Me vi namorado.

Nunca mi cuidado
Se va moderando
Una vez riendo
Y outra vez llorando.

Sentí gran tormento
De verme perdido
Mas estoy contento
Pues por vos a sido.

El mal es crecido
Y d'irse pasando
Una vez riendo
Y outra vez llorando.

Outro mayor mal
Me tiene ya muerto
Es tal que por cierto
No tiene su ygual.

Tiéneme ya tal
Que me va acabando
Una vez riendo
Y outra vez llorando.

VII
No tiene vado mis males
¿Que haré?
Que passar no los podre.

Es imposible passallos
Males que no tienen medio
Pues para tener remedio
El remedio es no curallos
Mi descanso es deseallos

Uma vez rindo
E outra vez chorando.

Eu estava sem vê-la
E do amor descuidado
Mas ao conhecê-la
Fico apaixonado.

E nunca meu cuidado
Vai-se moderando
Uma vez rindo
E outra vez chorando.

Senti sofrimento
Ao ver-me perdido
Mas senti alento
Pois por ti tem sido.

O mal já é grande
Mas já vai passando
Uma vez rindo
E outra vez chorando.

Outro mal maior
Bem morto me tem
Este é tão pior
Que igual não tem.

Me tem de tal jeito
Que está me acabando
Uma vez rindo
E outra vez chorando.

VII
Não vão embora meus males
Que farei?
Passá-los não poderei.

É impossível passá-los
São males e não tem jeito
Para passar o efeito
O remédio é não curá-los
Meu descanso é desejá-los

Porque sé
Que passar no los podre.
(Juan del Enzina)

VIII
Andarán siempre mis ojos
Por la gloria en que se vieron
Llorando pues la perdieron
Llorarán en contemplar
Que el tiempo que la gozavan
Quanto de prazer lloravan
Tanto lloran de pesar
Sea tanto su llorar
Por el bien en que se vieron
Que cieguen pues le perdieron.
(Gabriel Mena el músico?)

IX
Mal se cura muyto mal
Mas en poco cando tura
Muyto mas peor se cura.

Es muyto mal cando vén
Non pode muyto turar
Porque tenen d'acabar
Muyto presto a queyn lo teyn
Acabar es grande beyn
Poys en poco cando tura
Muyto mas peor se cura.

X
Para verme con ventura
Que me dexe conquerella
Mas vale bivar sin ella
El que nunca sintió gloria
No siente tanto la pena
Como el que se vió en victoria
Y despues esta'en cadena
Alcanzar victoria buena
Y al mejor tiempo perdella
Mas vale bivar sin ella.
(Juan del Enzina)

Porque sei
Passá-los não poderei.
(Juan del Enzina)

VIII
Andarão sempre meus olhos
Por glória do que já viram
Chorando pois a perderam
Chorarão ao contemplar
Que no tempo que a gozavam
Tanto de prazer choravam
Quanto choram de pesar
Seja tanto o seu chorar
Pelo bem do quanto viram
Que ceguem pois o perderam.
(Gabriel Mena o músico?)

IX
Mal se cura muito mal
Quanto mais um pouco dura
Muito mais pior se cura.

É muito mal quando vem
Não pode muito durar
Porque tem de eliminar
Rapidinho a quem o tem
Acabar é um grande bem
Pois se mais um pouco dura
Muito mais pior se cura.

X
Para ver-me com ventura
Que me deixe conquistá-la
Mais vale viver sem ela
O que nunca sentiu glória
Não sente tanto o penar
Como quem viu a vitória
E se deixa aprisionar
A boa vitória alcançar
E ao mesmo tempo perdê-la
Mais vale viver sem ela.
(Juan del Enzina)

XI

Un dolor tengo en ell'alma
No saldrá sin que'lla salga.

Que no s'a presumir
Siendo el mal de tal manera
Que'l dolor pueda salir
Sin que salga ella primera
Y aunque la razón me valga
No saldrá sin qu'ella salga.

XII

Que todos se pasan en flores
Mis amores.

Las flores que an nacido
Del tiempo que os he servido
Derribolas vestro olvido
Y disfavores
Que todos se pasan en flores
Mis amores.

XIII

Si n'os huviera mirado
No penara
Pero tampoco mirara.

Veros harto mal a sido
Mas no veros peor fuera
No quedara tan perdido
Pero mucho mas perdiera
Que viera aquel que n'os viera
No penara
Pero tampoco os mirara.

XIV

Si la noche haze oscura
Y tan corto es el camino
¿Como no venis amigo?

La media noche es pasada
Y el que me pena no viene
Mi desdicha lo detiene

XI

Tenho n'alma grande dor
Não sairá se ela não for.

Que não se vá presumir
Sendo o mal de tal maneira
Que esta dor possa sair
Sem que seja ela a primeira
Se a razão me der valor
Não sairá se ela não for.

XII

Que todos se passam em flores
Meus amores.

As flores tinham nascido
Do tempo em que vos servi
Derrubou-as vosso olvido
E desfavores
Que todos se passam em flores
Meus amores.

XIII

Se não os houvesse mirado
Não penaria
Mas tampouco os miraria.

Vê-los fartos foi mal sido
Mas não ver pior seria
Não ficaria tão perdido
Mas muito mais perderia
Que visse o quê não veria
Não penaria
Mas tampouco os miraria.

XIV

Se a noite está oscura
E tão curto é o caminho
Como não vens meu amigo?

A meia-noite é passada
Me faz sofrer e não vem
Minha desdita o detém

¡Que naci tan desdichada!
Házeme bivar penada
Y muéstraseme enemigo
¿Como no venis amigo?

XV

Desposaste os Señora
Solo por de mi os quitar
Casareys e habreys pesar.

Pues que tan mal galardón
A los mis servicios distes
Que pagueis lo que hezistes
Es lo que lleva razón
Vuestro bravo corazón
Ya esta en tiempo de amansar
Casareys y habreys pesar.

XVI

Desdeñado soy de amor
Guardeos Dios de tal dolor
Desdeñado y mal querido
Mal tratado e aborrecido
Del tiempo que os he servido.

No tengo ningún favor
Guardeos Dios de tal dolor.

XVII

No soy yo quien veis vivir
No soy yo
Sombra soy de quien murió.

Señora ya no soy yo
Quien gozava vuestra gloria
Ya es perdida mi memoria
Que en el otro mundo está
El que fue vuestro y será
No soy yo
Sombra soy de quien murió.

XVIII

Vésame y abraçame

Já nasci tão desditada!
Faz-me viver tão penada
Se mostra meu inimigo
Como não vens meu amigo?

XV

Casais com ele Senhora
Só para de mim tirar
Casaste e irás lamentar.

Pois que tão mal galardão
Aos meus serviços destes
Pagarás o que fizestes
É ao que leva a razão
O teu bravo coração
Já é tempo de amansar
Casastes e irás lamentar.

XVI

Desdenhado pelo amor
Deus vos guarde de tal dor
Desdenhado e mal querido
Maltratado e aborrecido
Do tempo que hei servido.

Não tenho nenhum favor
Deus vos guarde de tal dor.

XVII

Não sou eu quem vês viver
Não sou eu
Sombra sou de quem morreu.

Senhora já não sou eu
Quem gozava vossa glória
Já perdi minha memória
Que no outro mundo está
Aquele que foi vosso e será
Não sou eu
Sombra sou de quem morreu.

XVIII

Beija-me e abraça-me

Marido mio
Y daros en la mañana
Camisón limpio
Yo nunca vi hombre
Bivo estar tan muerto
Ni hazer el dormido
Estando despierto
Andad marido alerta
Y tened brio
Y daros en la mañana
Camisón limpio.

XIX
Alta estava la peña
Naçe la malva en ella.

Alta estava la peña
Riberas del rio
Naçe la malva en ella
Y el trevol florido.

XX
Dime robadora
¿Que te mereci?
¿Que ganas agora?
¡Que muera por ti!
Yo siempre sirviendo
Tu siempre olvidando
Yo siempre muriendo
Tu siempre matando
Yo soy quien t'adora
Y tu contra mi
¿Que ganas agora?
¡Que muera por ti!

XXI
Alça la niña los ojos
No para todos
Alçalos por jubileo
Por matarnos de deseo
Que la fiesta segun veo
No es para todos.

Meu marido
E te darei de manhã
Um limpo camisa
Eu nunca vi homem
Vivo estar tão morto
Fingir-se dormido
Estando desperto
Anda marido alerta
Belo e supimpa
E te darei de manhã
Uma camisa limpa.

XIX
Alta é a montanha
Nela nasce a malva.

Alta é a montanha
Margem do rio
Nela nasce a malva
E o treval florido.

XX
Diz-me sua ladra
O que mereci?
Que queres agora?
Que morra por ti!
Eu sempre servindo
Tu sempre esquecendo
Eu sempre morrendo
Tu sempre matando
Eu sou quem te adora
E tu contra mim
Que queres agora?
Que morra por ti!

XXI
Ergue a menina os olhos
Não para todos
Ergue os olhos por festejo
Pra nos matar de desejo
Que a festa segundo vejo
Não é para todos.

XXII

Ay de mi qu'en tierra agena
Me veo sin alegria
¿Quando me veré en la mia?

Y no por estar ausente
De mi tierra es el pesar
Mas por no poder estar
Donde está mi bien presente
No ay consuelo suficiente
A mal que tal bien desvia
¿Quando me veré en la mia?

XXIII

Soleta yo so açi
Si voleu qu'eus vaya á abrir
Ara que n'es hora si voley venir
Mon marit es de fora hont
a montalua
Dema beserá mig
¡lorn abans que non tornara!
E yo qu'eu sabia
Pla que los temps ho fa axi
Ara que n'es hora si voley venir.

XXIV

Vella de vos son amoros
¡Ya fosseu mia!
Sempre sospir quant pens en vos
La nit y dia
Yo may estich punt ni moment
Sem contemplarvos
Fora de tot mon sentiment
Vaix per amarvos
Daume valença pues podeu
Señora mia
Puix en vos es tot lo meu be
La nit y dia
Vos heretau tot lo mio be
Tanto quen dura
Si non valen prest me veren
En sepoltura
Del meu mal quin bem auren

XXII

Ai de mim que em terra alheia
Minha alegria definha
Quando voltarei à minha?

E não por estar ausente
Da minha terra é o pesar
Mas por não poder estar
Onde está meu bem presente
Não há consolo suficiente
A mal que o bem descaminha
Quando voltarei à minha?

XXIII

Sozinha estou eu aqui
Se queres que eu vá abrir
Agora que é a hora se queres vir
Meu marido saiu foi
à montanha
Assim me beijarás
Tomara que não volte!
E que eu saiba
Pra que hoje faz assim:
Agora que é a hora se queres vir.

XXIV

Ela por vós está de amores
Se a mim queria!
Se pensa em ti suspira em dores
À noite e dia
Não posso ficar um momento
Sem contemplar-vos
Fora de todo o sentimento
Só por amar-vos
Dai-me valença sem temor
Senhora mia
Pus em vós todo o meu amor
À noite e dia
Vos dediquei todo o meu bem
Tanto quem dura
Se não valeis logo me tem
A sepultura
De meu mal quem bem levará

¡Anima mia!
Per de fugir lo dañy que feu
Siau me vos guia
Veix me de vos pres y lligat
Luñy d'esperança
Ayaume dons pietat
Sem mêt tardança
Puix vestre so plaugues a Deu
Vos fosseu mia
Car lo mal que sentir me feu
No'l sentiria.

XXV

Ojos garços a la niña
¿Quien se los enamoraria?
Son tan lindos y tan bivos
Que a todos tienen cativos
Y solo la vista dellos
Me a robado los sentidos
Y los haze tan esquivos
Que roban el alegria
Quien se los enamoraria.
(Juan del Enzina)

XXVI

Estas noches á tan largas
Para mi
No solian ser ANSI.

Solia que reposava
Las noches con alegria
Y el rato que no dormia
Con descanso lo pasava
Mas estas que amor me grava.

Non dormi
No solian ser ansi.

XXVII

Ay luna que reluzes
Toda la noche m'alumbres
Ay luna tan bella
Alúmbresme a la sierra

Alma mia!
Pra fugir danos sofrerá
Sejais meu guia
Vejo-me a ti preso e ligado
Pleno d'esperança
Ajuda-me por piedade
Sem mais tardança
Para ser vosso rogo a Deus
Vós fôsseis mia
Os males que fizestes meus
Não o sentiria.

XXV

Olhos azuis de menina
Quem a eles amaria?
São tão lindos e tão vivos
Que a todos mantêm cativos
E somente a visão deles
Me rouba todos os sentidos
E os fazem tão esquivos
Que roubam toda alegria
Quem a eles amaria.
(Juan del Enzina)

XXVI

Estas noites são tão longas
Para mim
Não costumavam ser assim.

Ocorre que eu repousava
As noites com alegria
E a hora que não dormia
Descansando eu passava
Mas estas que o amor agrava.

Não dormi
Não costumavam ser assim.

XXVII

Ah lua que rebrilhas
Toda a noite me ilumina
Ah lua tão bela
Me ilumina na serra

Por do vaya y venga
Ay luna que reluzes
Toda la noche m'alumbres.

XXVIII

Vi los barcos madre
Vilos y no me valen
Madre tres moçuelas
Lavan sus camisas
Sus camisas madre
Vilas y no me valen.

XXIX

¿Con que la lavaré la flor de la mi
cara?
¿Con que la lavaré que biuo mal
penada?
Lávanse las casadas con agua de
limones
Lávome yo cuitada
Con penas y Dolores.

XXX

Soy Serranica
Y vengo de Estremadura
¡Si me valerá ventura!
Soy lastimada
En fuego d'amor me quemo
Soy desamada
Triste de lo que temo
En frio quemo
Y quémone sin mesura
¡Si me valerá ventura!

XXXI

Si te vas a bañar Juanilla
Dime á quales baños vas
Si te entiendo d'yr callando
Los gemidos que yré dando
De mi compasión abrás
Dime á quales baños vas.

XXXII

Por aonde vá e venha
Ah lua que rebrilhas
Toda a noite me ilumina.

XXVIII

Eu vi os barcos mãe
Eu vi e não me servem
Mãe vi três moçoilas
A lavar as camisolas
As camisolas mãe
Eu vi e não me servem.

XXIX

Com que a lavarei a flor de meu
rosto?
Com que a lavarei que vivo mal
penada?
As casadas se lavam com água-de-
flores
Lavo-me eu coitada
Com sofrimento e dores.

XXX

Sou Serranita
E venho de Estremadura
Se vale alguma ventura!
Sou lastimada
No fogo do amor me queimo
Sou desamada
Triste do que mais temo
No frio queimo
E ardo sem compostura
Se vale alguma ventura!

XXXI

Se te vais banhar Juanita
Diz-me a qual banheiro vais
Se te entendo de ir calando
Os gemidos que irei dando
Compaixão de mim terás
Diz-me a qual banheiro vais.

XXXII

Tan mala noche me distes
¿Serrana donde dormistes?

A ser sin vestro marido
Y sola sin compañía
Fuera la congoxa mia
No tan grande como há sido
No por lo que haveys dormido
Mas por lo que no dormistes
Tan mala noche me distes.

XXXIII

Falalalanlera
De la guarda riera

Quando yo me vengo
De guardar ganado
Todos me lo dizen
Pedro el desposado
A la hé si soy
Con la hija de nostramo
Qu'esta sortiguela
Ella me la diera
Falalalanlera
De la guarda riera.

Alla rriba rriba
En val de roncales
Tengo mi esca
Y mis pedernales
Y mi curronçito
De ciervos cevales
Hago yo mi lumbre
Siéntome doquiera
Falalalanlera
De la guarda riera.

Viene la quaresma
Yo no como nada
Ni como sardina
Ni cosa salada
De quanto yo quiero
No se haze nada

Que noite ruim me deste
Serrana onde estiveste?

A ser sem o teu marido
Sozinha sem companhia
Foi essa a tristeza minha
Não tão grande havia sido
Não pelo que hás dormido
Pelo sono que não tiveste
Que noite ruim me deste.

XXXIII

Falalalanleira
Da guarda ribeira.

Quando estou chegando
De guardar o gado
Todos de mim dizem
Pedro o desposado
Ah! lá é sim sou
Com a filha do patrão
Com esta linda trança
Ela deu-me esperança
Falalalanleira
Da guarda ribeira.

Em cima a se ver
No val de pardais
Tenho o de comer
E meus pedernais
E meu curralzinho
De cervos cevados
Eu faço o meu fogo
Me sento onde queira
Falalalanleira
Da guarda ribeira.

Se vem a quaresma
Eu não como nada
Nem como sardinha
Nem coisa salgada
De tudo que quero
Não se faz mais nada

Migas con azeite
Házenme dentera
Falalalanlera
De la guarda riera.

XXXIV

¡A Pelayo! Que desmayo
- ¿De qué di?
- D'una zagala que ví
- A Pelayo si la vieras
Tanta es su hermosura
No bastara tu cordura
Que en ella tu te perdiera
Y penaras y murieras
- ¿Tal es di?
- Mas linda que nunca vi.

XXXV

Que faren del pobre Joan
De la fararirunfan
As muller se n'es anada
Lloat sia Deu!
A hont la n'iren sercar
De la fararirunfan
Al ostal de la vehina
Lloat sia Deu!
Y digau lo meu vehi
De la fararirunfi
Ma muller si l'aveu vista?
Lloat sia Deu!
Per ma fe lo meu vehi

De la fararirunfi
Tres jorns há que no la vista
Lloat sia Deu!
(Esta nit ab mi sopá)
De la fararirunfan
Y en tant ses transfigurada.

Lloat sia Deu!
Ell sem torna á son ostal
De la fararirunfan
Troba sos infans que ploran

Migalhas com azeite
Me fazem denteira
Falalalanleira
Da guarda ribeira.

XXXIV

Ah Pelayo! Eu desmaio
- Do quê diz?
- De uma mocinha que vi
- Ah Pelayo que verias
Tanta é a formosura
Não bastaria a candura
Que nela te perderias
Penarias morrerias
- É assim?
- Mais linda eu nunca vi.

XXXV

Que fazer do pobre João
Da fararirunfão
A mulher foi caminhar
Louvado seja Deus!
Aonde iremos buscar
Da fararirunfão
No albergue da vizinha
Louvado seja Deus!
E dizei ao meu vizinho
Da fararirunfim
Tens visto minha mulher?
Louvado seja Deus!
Por minha fé meu vizinho

Da fararirunfim
Três dias faz que não a vejo
Louvado seja Deus!
(Esta noite em meu sobrado)
Da fararirunfão
Tanto está transfigurada.

Louvado seja Deus!
Ele volta a seu albergue
Da fararirunfão
Encontra os filhos que choram

Lloat sia Deu!

Non ploreu los meus infans
De la fararirunfan
O mala dona reprovada!
Louvado seja Deus!

XXXVI

Teresica hermana de la fararira!
Hermana Teresa si a ti te pluguiesse
Una noche sola contigo durmiesse
Teresica hermana de la fararira!
- Una noche sola yo bien dormiria
Mas tengo gran miedo
Que m'epreñaria
Teresica hermana de la fararira!
Hermana Teresa!

XXXVI (bis)

Llaman a Teresica y no viene
Tan mala noche tiene
Llámala su madre y ella calla
Juramiento tiene hecho de matarla
¡Que mala noche tiene!

XXXVII

No la devemos dormir
La noche sancta
¡No la devemos dormir!

La virgen á solas piensa
¿Que hará?
¿Quando al rey de luz inmenso
Parirá
Si de su divina esencia
Temblará
O que le podrá dezir?
No la devemos dormir
La noche sancta
No la devemos dormir!
(Fray Ambrósio Montesino)

XXXVIII

Louvado seja Deus!

Não chorem minhas crianças
O da fararirunfão
Ó mulher má reprovada
Louvado seja Deus!

XXXVI

Terezinha irmã da fararira!
Irmã Teresa se eu te pedisse
Uma noite só e contigo dormisse
Terezinha irmã da fararira!
- Uma noite só eu bem dormiria
Mas tenho um grande medo
Que me emprenharia
Terezinha irmã da fararira!
Irmã Teresa!

XXXVI (bis)

Chamam a Terezinha e não vem
Tão má a noite que tem
Chama-a sua mãe e ela se cala
Juramento tem feito de matá-la
Que má noite ela tem!

XXXVII

Não não devemos dormir
Na noite santa
Não não devemos dormir!

A virgem sozinha pensa
O que fará?
Quando ao rei de luz inmenso
Parirá
Se da sua divina essência
Tremará
O que poderá dizer?
Não devemos dormir
Na noite santa
Não não devemos dormir!
(Frei Ambrósio Montesino)

XXXVIII

Rey á quien reyes adoran
Señal es qu'es el que es
Trino y uno y uno y três.

Como es ni puede sello
No se cure de buscar
Pues nos podemos salvar
Com solamente crehelo
Y en aquesto's eche el sello
Qu'este's el que siempre es
Trino y uno y uno y três.

XXXIX

Verbum caro factum est
Porque todos os salveys.

Y la virgen le dezia
Vida de la vida mia
Hijo mio que os haria
Que no tengo en que os hecheys.

Oh! riquezas temporales
No dareys unos pañales
A Jesus que entre animales
Es naçido segun veys.

XL

Alta Reyna soberana
Solo merecistes vos
Que en vos el hijo de Dios
Recibiesse carne humana.

Ante secula creada
Fuistes del eterno Padre
Para que fuéssedes madre
De Dios y nuestra abogada.

Fuente de nuestro bien mana
Solo merecistes vos
Que en vos el hijo de Dios
Recibiesse carne humana.

XLI

Rei a quem os reis adoram
Sinal que é pra vocês
Trindade e um e um em três.

Como é nem pode sê-lo
Não se canse de buscar
Pois podemos nos salvar
Com fé em somente crê-lo
E naqueles feito em sê-lo
Qu'ele está sempre em vocês
Trindade e um e um em três.

XXXIX

Verbum caro factum est
Porque todos os salvar.

Era a Virgem que dizia
És vida da vida minha
Filho meu o quê faria
Que não tenho onde deitar.

Ó riquezas temporais
Nem umas fraldas darás
A Jesus que entre animais
Nasceu sem se humilhar.

XL

Rainha alta e soberana
São merecimentos teus
Que em ti o filho de Deus
Recebesse a carne humana.

Secularmente criada
Do Pai eterno escolhida
Para que fosses guarida
De Deus nossa advogada.

Fonte de nosso bem mana
São merecimentos teus
Que em ti o filho de Deus
Recebesse a carne humana.

XLI

Gózate Virgen sagrada
Pues tu sola merecistes
Ser madre del que paristes
O bendita sin medida
Madre del que te crió
Ante sécula escogida
De Dios que de ti nació
A madre jamas se dió
La gracia que tuvistes
Ser madre del que paristes.

XLII

Un niño nos es nacido
Hijo nos es otorgado
Dios y hombre prometido
Sobre divino humanado.

Niño porque en las gentes
Nunca primero fue visto
En cuerpo y ánima mixto
Mostrando sus accidentes
Un niño que a los bivientes
Oy comunica su ser
Y comienza a padecer
Sobre divino humanado.

XLIII

¡Dadme albricias hijos d'Eva!
¿Di de qué dártelas hán?
Que es nacido el nuevo Adan
¡Ohy de Dios y que nueva!
Dádmelas y haved placer
Pues esta noche es nacido
El Mexias prometido
Dios y hombre de mujer
Y su nacer no relieva
Del pecado y de su afán.

Pues nació el nuevo Adan
¡Ohy de Dios y que nueva!

XLIV

Yo me soy la morenica

Hosana Virgem sagrada
Pois só tu o merecestes
Ser a mãe de quem nos destes
Ó bendita sem medida
A mãe de quem floresceu
Séculos antes escolhida
De Deus que de ti nasceu
A outra mãe jamais se deu
A graça que só tu tivestes
Ser a mãe de quem nos destes.

XLII

Menino em nós nascido
Filho nos és outorgado
Deus e homem prometido
Divino homem tornado.

Menino que entre as gentes
Jamais primeiro foi visto
De corpo e alma é um misto
Mostrando-se transcendente
Menino que aos viventes
Hoje comunica seu ser
E começa a padecer
Divino homem tornado.

XLIII

Dai vivas filhos de Eva!
Por que dá-las haverão?
É que nasceu o novo Adão
Ouvi de Deus a boa nova!
Dai os vivas com prazer
Pois esta noite é nascido
O Messias prometido
Deus e homem de mulher
E seu nascer nos relewa
O pecado e a obrigação.

Pois nasceu o novo Adão
Obvi de Deus a boa nova!

XLIV

Eu sou a moreninha

Yo me soy la morena.
Lo moreno bien mirado
Fue la culpa del pecado
Que en mi nunca fue hallado
Ni jamás se hallará.

Soy la sin espina rosa
Que Salomon canta y glosa
Nigra sum sed formosa
Y por mi se cantará
Yo soy la mata inflamada
Ardiendo sin ser quemada
Ni de aquel fuego tocada
Que a las otras tocará.

XLV

E la don don Verges Maria
E la don don peu cap de sang
Que nos densaron
E la don don.

O garçons aquesta nit
Una verge n'a parit
Un fillo qu'es tro polit
Que non au tan en lo mon
E la don don.

Digas nos qui te l'a dit
Que Verges n'a ya parit
Que nos may aven ausit
Lo que tu diu girán ton
E la don don.

A eo dian los argeus
Que cantavam alta veus
La grolla n'exelsis Deus
Qu'en Belen lo trobaron
E la don don
Per seña nos na birat
Que verets embolicat
De drapets molt mal faxat
Lo ver Diu petit garçon
E la don don.

Eu sou a morena.
O moreno bem apanhado
Foi a culpa do pecado
Em mim nunca encontrado
Nem jamais se encontrará.

Sou sem espinhos a rosa
Que Salomão canta e glosa
Negra e muito formosa
E por mim se cantará
Sou a mata incendiada
Ardendo sem ser queimada
Daquele fogo intocada
Que às outras tocará.

XLV

La la dão dão Virgem Maria
La la dão dão pela canção
Que nos ensinarão
La la dão dão.

Jovens na noite sem luz
Uma virgem deu à luz
O filho é belo e reluz
Que não há igual no mundo
La la dão dão.

Diz a nós o que foi dito
Teve a Virgem um ser bendito
Que entre nós nunca foi visto
O que dizes em alto tom
La la dão dão.

A mim as pessoas narravam
E em alta voz cantavam
O excelso Deus glorificavam
E em Belém o encontraram
La la dão dão
Por um sinal foi achado
E o viram todo enrolado
Em trapos mal-arranjados
Para ver o Deus menino
La la dão dão.

Vin Perot y á Diu veray.
Y a la verge s'a may
Un sorrón li porteray
Que será ple de coucon
E la don don.

Ara canta tu Beltran
Per amor deu Sant Infan
E apres cantarà Joan
Y donar nos na coucon
E la don don.

Ube cantarà sus dich
Per Jesus mon bom amich
Que nos saurana la nit
De tot mal qu'na hom fedorn
E la don don.

XLVI

Riu riu chiu
La guarda ribera
Dios guarde el lobo
De nuestra cordera
El lobo rabioso
La quiso morder
Mas Dios poderoso
La supo defender
Quizole hazer que
No pudiesse pecar
Ni aun original
Esta virgen no tuviera
Riu riu chiu
La guarda ribera
Dios guarde el lobo
De nuestra cordera.

Este qu'es nascido
Es el gran monarca
Christo patriarca
De carne vestido.
Hanos redimido
Com se hazer chiquito

Vem Perot e a Deus vereis.
Co'a virgem feliz estareis
Tristeza jamais tereis
Pleno de vida e paixão
La la dão dão.

Agora canta Beltran
Pelo amor de Sant Infan
Depois cantarà Joan
E nos dará a canção
La la dão dão.

Ube cantarà comigo
Por Jesus meu bom amigo
Que nos salva do castigo
E do mal que nos agride
La la dão dão.

XLVI

Riu riu chiu
A guarda ribeira
Guarde Deus do lobo
A nossa cordeira
O lobo raivoso
Já tentou mordê-la
Mas Deus poderoso
Soube defendê-la
Quis fazê-la que
Pecar não pudesse
Nem o original
A virgem tivesse
Riu riu chiu
A guarda ribeira
Guarde Deus do lobo
A nossa cordeira.

Este que é nascido
É o grande monarca
Cristo patriarca
De carne vestido.
Nos tem redimido
Ao vir pequenito

Aunque era infinito
Finito se hiziera
Riu riu chiu
La guarda ribera
Dios guarde el lobo
De nuestra cordera.

Este viene a dar
A los muertos vida
Y viene a reparar
De todos la cayda
Es la luz del dia
Aqueste moçuelo
Este es cordero
Que San Juan dixera
Riu riu chiu
La guarda ribera
Dios guarde el lobo
De nuestra cordera.

Muchas profecias
Lo han profetizado
Y aun en nuestros dias
Lo hemos alcançado
A Dios humanado
Vemos en el suelo
Y'al hombre en el cielo
Porque él lo quisiera
Riu riu chiu
La guarda ribera
Dios guarde el lobo
De nuestra cordera.

Mira bien que os cuadre
Que ansina lo oyera
Que Dios no pudiera
Hazerla mas que madre
El qu'era su Padre
Oy d'ella nació
Y el que la crió.

Su hijo dixera
Riu riu chiu

Por ser infinito
Finito se fez
Riu riu chiu
A guarda ribeira
Guarde Deus do lobo
A nossa cordeira.

Este vem a dar
Aos mortos a vida
E vem reparar
De todos a caída
É a luz do dia
Este pequenino
Este é o cordeiro
Que São João dizia
Riu riu chiu
A guarda ribeira
Guarde Deus do lobo
A nossa cordeira.

Muitas profecias
Hão profetizado
Hoje em nossos dias
Temos alcançado
Deus humanizado
Vemos de déu em déu
E o homem no céu
Porque assim quisera
Riu riu chiu
A guarda ribeira
Guarde Deus do lobo
A nossa cordeira.

Veja bem que se guarde
Que assim o ouvira
Que Deus não pudera
Fazê-la mais que mãe
Ele que era seu Pai
Hoje dela nasceu
E aquele que a criou.

Seu filho se dissera
Riu riu chiu

La guarda ribera
Dios guarde el lobo
De nuestra cordera.

Yo vi mil garçones
Que andavan cantando
Por aqui bolando
Haciendo mil sonos
Diziendo á gascones
Gloria sea en el cielo
Y paz en el suelo
Pues Jesus nasçiera
Riu riu chiu
La guarda ribera
Dios guarde el lobo
De nuestra cordera.

Pues que ya tenemos
Lo que deseamos
Todos juntos vamos
Presentes llevemos
Todos le daremos
Nuestra voluntad
Pues á se igualar
Com nosotros viniera
Riu riu chiu
La guarda ribera
Dios guarde el lobo
De nuestra cordera.

XLVII
Señores el qu'es nasçido
De virgen madre
Como parece á su padre
A su madre en ser humano
Parece y en ser moderno
Y a su padre en ser eterno.

Divino Dios soberano
De aquesto el mundo está ufano
Com la madre
De hijo de tan buen padre.

A guarda ribeira
Guarde Deus do lobo
A nossa cordeira.

Eu vi mil crianças
Que andavam cantando
Por aqui volteando
Fazendo mil danças
Dizem sem tardanças
Glória lá no céu
Paz aqui na terra
Pois Jesus nasceu
Riu riu chiu
A guarda ribeira
Guarde Deus do lobo
A nossa cordeira.

Posto que já temos
O que desejamos
Todos juntos vamos
Presentes levemos
Todos lhe daremos
A nossa vontade
Pois pra se igualar
Conosco viera
Riu riu chiu
A guarda ribeira
Guarde Deus do lobo
A nossa cordeira.

XLVII
Senhores o que nasceu
De virgem mãe
Como parece a seu pai
À sua mãe em ser humano
Parece e em ser moderno
E a seu pai em ser eterno.

Divino Deus soberano
De quem o mundo está ufano
Com a mãe
De filho de tão bom pai.

XLVIII

Vos virgen soys nuestra madre
Que la que el fruto comió
Madrasta la llamo yó
Vos como Madre escogida
Rematastes nuestra rrastra
La outra como madrastra
Puso en cuentos nuestra vida
Ella la dexó perdida:
Quando por madre os tomó
Madrasta la llamo yó.

XLIX

Dezilde al caballero que non
se queixe
Que yo le doy mi fé que non la
dexe
Dezilde al caballero cuerpo garrido
Que non se queixe en ascondido
Que yo doy mi fé que non la dexe.

L

Dizen á mi que los amores hé
Com ellos me vea si tal pensé
Dizen á mi por la villa
Que traygo los amores de la cinta
Dizen á mi que los amores hé
Com ellos me vea si tal pense.

LI

Si amores me han de matar
Agora tienen lugar
Agora que estoy penado
En lugar bien empleado
Si pugliese a mi cuidade
Que me pudiese acabar
Agora tienen lugar.

LII

Si de vos mi bien me aparto
¿Que haré?
Triste vida bivré
El bien tiene condicion

XLVIII

Vós virgem sois nossa mãe
A que o fruto comeu
Madrasta a chamo eu
Vós como Mãe escolhida
Apagaste o nosso rastro
A outra como madrastra
Pôs em contos nossa vida
Ela a deixou perdida:
Quando por mãe escolheu
Madrasta a chamo eu.

XLIX

Dizei ao cavalheiro que não
se queixe
Que lhe dou minha fé que não a
deixe
Dizei ao cavalheiro de corpo garrido
Que não se queixe escondido
Que lhe dou minha fé que não a
deixe.

L

Dizem a mim que os amores terei
Com eles me veja se em tal pensei
Dizem a mim pela vila
Que trago os amores pela barriga
Dizem a mim que os amores terei
Com eles me veja se em tal pensei.

LI

Se amores me hão de matar
Agora têm seu lugar
Agora que estou penado
Em lugar bem empregado
Se pusesse a meu cuidado
Que me pudessem acabar
Agora têm seu lugar.

LII

Se de vós meu bem me afasto
Que farei?
Triste vida viverei

De ser de todos querido
Si alguno lo há perdido
No le faltará pasión
Pues yo com tanta razón
¿Que haré?
Triste vida biveré.

LIII

Hartaos ojos de llorar
De jemir y sospirar
Y vosotros ojos tristes
Pues tanta gloria perdistes
Que si bien o mal hezistes
Llorando l'aveis de pagar.

LIV

Falai meus olhos si me quereis beñy
Como falará quin tempo non teñy
Deseyo falarvos
Miñ alma scuitayme
Non posso olvidarvos
Miñ alma falayme
Bivo deseizando a vos miño beñy
Como falará quin tempo non teñy.

Todo bem tem condição
De ser de todos querido
Se alguém o deu por perdido
Não lhe faltará paixão
Pois eu com tanta razão
Que farei?
Triste vida viverei.

LII

Fartai olhos de chorar
De gemer e suspirar
E vós lindos olhos tristes
Pois tanta glória perdestes
Que se bem ou mal fizestes
Chorando haveis de pagar.

LIV

Falai meus olhos se me quereis bem
Como falará quem tempo não tem
Desejo falar-vos
Minh'alma escutai-me
Não posso olvidar-vos
Minha alma falai-me
Eu vivo deseizando a vós meu bem
Como falará quem tempo não tem.

Dados técnicos do CD:

CANCIONERO DE UPSALA (Versão Integral)

Primeira Gravação Mundial em CD da Obra Completa – 1997. Camerata Antiqua de Curitiba. Regente: Maestro Titular Roberto de Regina. CD nº DDD 115592/1-2 Gravadora: Paulus - Rua Francisco Cruz, 229 - CEP 04117-091 - São Paulo – SP. Acompanha o CD um folheto bilingue espanhol/português do cancionero, sem indicação de tradutor, com os seguintes artigos introdutórios: Notas à Margem, por Roberto de Regina Villancicos - A Renascença Ibérica, por Oswaldo Colarusso, Regente da Orquestra Sinfônica do Paraná Cancionero de Upsala, por Cassiana Lacerda Carollo - Professora Titular de Historiografia Literária da UFPR . Contém ainda: Índice, Formação da Camerata Antiqua, Formação do Conjunto Instrumental.

APÊNDICE

EL CANCIONERO DE UPPSALA

por Maricarmen Gómez

Aunque unos lo conozcan bajo el nombre de Cancionero de Uppsala y otros prefieran llamarlo Cancionero del Duque de Calabria, en ambos casos de lo que se trata es de un impreso que bajo el título de Villancicos de diversos autores, a dos, y a tres, y a cuatro, y a cinco bozes, agora nuevamente corregidos. Ay mas ocho tonos de Canto llano, y ocho tonos de Canto de órgano para que puedan aprovechar los que a cantar començaren fue editado en Venecia en 1556 por Jerónimo Scotto, uno de los impresores de música más cualificados del momento.

En formato pequeño de libro de coro (mide 209 x 147 mm), sólo se conoce un único ejemplar de la edición, que guarda celosamente la Biblioteca universitaria de Uppsala, en Suecia.

Existen varias teorías acerca del camino recorrido por el libro hasta llegar a Uppsala, pero lo único cierto es que quien lo descubrió para la comunidad científica internacional fue el musicólogo y diplomático Rafael Mitjana, que dio cuenta de su hallazgo primero en un opúsculo escrito en sueco (Stockholm, 1907/8) y a continuación en un estudio más amplio titulado Cincuenta y cuatro canciones españolas del siglo XVI (Uppsala, 1909), en el que transcribe el texto y comenta la mayoría de las piezas del Cancionero.

El descubrimiento de Mitjana resultó ser una pieza fundamental del engranaje que constituye la Historia de la Música española, y en particular de aquella cuyo texto va en lengua vernácula, puesto que de otra forma nuestro conocimiento del repertorio cancioneril musicado que circuló por España entre el primer y segundo tercio del siglo XVI se limitaría prácticamente al que dan los vihuelistas en sus ediciones y a la obra de Juan Vásquez, recogida en dos volúmenes: los Villancicos y canciones (Osuna, 1551) y la Recopilación de Sonetos y villancicos (Sevilla, 1560).

A diferencia de lo que suele ser habitual en los impresos musicales del Renacimiento, el Cancionero de Uppsala carece de prólogo y dedicatoria, lo cual dificulta en extremo el conocimiento de las circunstancias que concurrieron en su proceso de recopilación, máxime teniendo en cuenta que todo el repertorio que transmite figura como anónimo, a excepción del villancico Dezilde al cavallero atribuido al compositor flamenco Nicolás Gombert; éste sirvió en la capilla del emperador Carlos V entre 1526 y 1540, primero como cantor y luego como maestro de los escolares. Ni que decir tiene que el nombre del

recopilador del Cancionero permanece en el anonimato, como ocurre con los manuscritos de contenido similar de fines de la Edad Media y principios del Renacimiento, por lo que cabe la posibilidad de que él fuese en su origen uno de ellos.

En total el Cancionero de Uppsala contiene cincuenta y cinco villancicos musicados, ordenados en función de su número de voces y su temática. El texto de la mayoría está en español, aunque también los hay en catalán –cuatro en total– y en portugués –tan sólo dos–. En primer lugar aparecen doce villancicos que son a dos voces, seguidos de otros doce a tres voces y doce más a cuatro voces (son trece en realidad, porque el último se desdobra en dos), todos de temática amorosa. Vienen a continuación doce villancicos dedicados a la Navidad, los diez primeros a cuatro voces y los restantes a tres voces, y finalmente seis villancicos a cinco voces que de nuevo cantan al amor y el desamor. A continuación, y a modo de apéndice, se dan ocho tonos de canto llano y otros ocho de canto de órgano, en ambos casos ordenados del primer al octavo tono.

Hay tres piezas en el Cancionero que se repiten dos veces aunque en versiones distintas, Dime robadora y No soy yo quien veis vivir, que primero se dan a dos voces y luego a tres, y Falalalán, falalalera, un villancico a cuatro voces de tema pastoril que se adapta para solista y coro cambiándole el texto, ahora dedicado a la Virgen. De Falalalán, falalalera existe otra versión idéntica a la de Uppsala, sólo que con el texto “a lo divino”, en el llamado Cancionero de Gandía (Valencia), un manuscrito de notables dimensiones que actualmente forma parte de los fondos de la Biblioteca de Catalunya, en Barcelona (M1166/M1967). Este manuscrito, que antes de la Guerra civil española estuvo depositado en la colegiata de Gandía –de ahí su nombre–, es el único del que existen pruebas fehacientes que lo relacionan con la riquísima biblioteca musical de la capilla de don Fernando de Aragón, duque de Calabria y virrey de Valencia (1526-1550), a cuyo servicio consta que estuvo Bartolomé Cárceres.

Resulta que Cárceres, según el Cancionero de Gandía, es el autor no sólo de Falalalán, falalalera, sino también de al menos otro de los villancicos del Cancionero de Uppsala, Soleta yo só açí, que trata del eterno tema de la malcasada; de nuevo en este caso en el de Gandía la pieza se da con el texto cambiado “a lo divino” y además con un estribillo añadido por Juan Cepa, el que fuera el último de los maestros de capilla del duque de Calabria. Si a esto le añadimos que un manuscrito de la catedral de Tarazona da una versión adaptada para dos coros alternantes, a 3 y 5 voces, de uno de los villancicos navideños de Uppsala, Señores, el qu’és nacido, versión atribuida a Pedro de Pastrana, el primero de los maestros de capilla del duque, habrá que concluir que el repertorio del Cancionero de Uppsala, en todo o en parte, directa o

indirectamente, tuvo que tener algún tipo de relación con el entorno de don Fernando de Aragón.

Hijo de Federico III de Nápoles, el que fuera nieto de Alfonso el Magnánimo, en 1504 don Fernando pasó a residir en la corte española más como rehén que como invitado, tras la invasión del reino de Nápoles por parte de las tropas franco-españolas. El motivo alegado por los invasores fue la ilegitimidad de la dinastía napolitana, descendiente de Ferrante I, hijo bastardo del Magnánimo. Si España y Francia obraron al principio de común acuerdo, consiguiendo que el papa Alejandro VI excomulgase a Federico III y acto seguido que éste huyese a Tours, donde al poco falleció, una vez conquistado el reino ambos países entraron en liza para repartirse sus dominios. Las tropas españolas, al mando del Gran Capitán, resultaron vencedoras, y como resultado Nápoles quedó anexionado a la Corona española hasta principios del siglo XVIII.

Tras diversos avatares, que le llevaron de la corte a la cárcel en 1512 y de nuevo a la corte once años más tarde, el duque de Calabria casó en marzo de 1526 con doña Germana de Foix (1488-1536). Sobrina del rey de Francia, doña Germana llevaba residiendo en España desde 1506, año en el que contrajo matrimonio con don Fernando el Católico, viudo de su primera esposa. Los duques fijaron su residencia en Valencia, tras ser nombrados conjuntamente virreyes y lugartenientes del reino, y su corte, heredera directa de la napolitana, pronto se convirtió en un centro cultural de primer orden.

Los duques contaron para su servicio con una capilla que pasó a ser una de las mejor dotadas musicalmente de toda España. En mayo de 1527 ya estaba constituida, pues consta que con ocasión del nacimiento del príncipe Felipe, primogénito del emperador Carlos V, los duques acudieron a la catedral de Valencia para celebrar un acto de acción de gracias; allí fue entonado un Te Deum, que contó con la participación de “los ministriles, trompetas y atabales de los señores virreyes, el órgano y los chantres de la Seo y los de los virreyes”. Lamentablemente apenas quedan noticias acerca de los músicos que estuvieron adscritos a la capilla virreinal, de cuya magnificencia da cuenta el historiador fray José de Sigüenza. En un texto que data de fines del siglo XVI, el ilustre erudito dice al respecto lo siguiente:

“Celebrábase cada día en su Capilla el Oficio divino como en Capilla Real, con solenidad grande. Tenía [el duque] para esto Capellanes ordinarios, y para las fiestas principales un Obispo que dixesse la Missa de Pontifical; y así juntó la mejor Capilla de músicos así de voces naturales, como de otro género de instrumentos, que hubo en España, ni se si la ha avido después acá tan buena en número, habilidades y voces, porque se juntó allí quanto bueno se hallaba en estos Reynos y todos yvan a servirle con mucho gusto.”

Medio en fábula medio en veras, el escritor valenciano Juan de Timoneda alude a la capilla de los duques de Calabria en dos de los cuentos de su libro *El sobremesa y alivio de Caminantes* (Valencia, 1569). En uno, tras afirmar que El duque era tan dado a la música “que no había en España quien tantos y tan buenos músicos tuviese, a causa de los grandes salarios que les daba”, cuenta que “viniendo un gran músico forastero al [palacio] real para oír la música el día de los Reyes, que tanto le habían alabado, oída e informado de la renta del duque, dixo: – Para tan chica capa, gran capilla es ésta”. Es probable que el duque pasase en alguna que otra ocasión por estrecheces financieras que le impidiesen satisfacer puntualmente el salario de quienes trabajaban para él, lo cual pudo dar pie a la divertida anécdota sobre su capilla que refiere Timoneda en el otro cuento. Dice así:

“Como el duque de Calabria dilatase una vez la paga de sus cantores, importunábale el maestro de capilla a pedírsela, diciendo: –Mire vuestra excellencia que se dilata nuestra paga–. Respondía él: –Mírese–. Como por diversas vezes se la hubiesse demandado con dezir “mire vuestra excellencia”, y el había respondido mírese, dixo un día el maestro: –Continuo se ha de estar vuestra excellencia en mi; para ser buen cantor diga fa, fágase–. Respondió el duque: –Perdonad, que vos me entonastes.”

Casi toda la información disponible acerca de los miembros de la capilla de los duques de Calabria se reduce a sus nóminas de 1546 y 1550, año este último en que se produjo el óbito de don Fernando. Por entonces Germana de Foix ya hacía tiempo que había fallecido y el duque había contraído segundas nupcias con doña Mencía de Mendoza (1508-1554), viuda del conde de Nassau, una de las mujeres más cultas y ricas de su tiempo. En las nóminas susodichas consta el nombre e incluso el timbre de voz de muchos de los cantores, que eran dieciocho en 1546 y veintidós en 1550, el de los organistas –unas veces dos y otras tres–, y el del copista de música o “puntador de los libros”, que era a la sazón Pompeo de Russi, quien al poco de fallecer el duque pasó a servir en la capilla real. En las nóminas de 1546 también aparecen reseñados un tañedor de arpa, tres de sacabuche, cinco chirimías, un “pautador de los libros” de música –Bartolomé Cárceres–, e incluso “un mozo encargado de los libros de los ministriles”. Tanto en 1546 como en 1550 el maestro o director de la capilla era Juan Cepa, que luego pasaría a ejercer idénticas funciones en la catedral de Málaga.

De la biblioteca del duque de Calabria, en parte heredada de sus ilustres antepasados, existe un inventario que fue confeccionado tras su defunción. En él se reseñan un total de 830 volúmenes –795 de su biblioteca privada, mas otros 35 que había en la capilla–, donados por el duque al monasterio de San Miguel de los Reyes, junto con otros bienes suyos. Entre los libros de música los hay de canto llano –dieciséis– y de canto de órgano o polifonía –diecinueve–,

ninguno de los cuales ha podido ser identificado con total seguridad tal vez porque todos o casi todos se han perdido.

El único libro de música de los del inventario que hasta el momento se ha localizado corresponde a una recopilación de los tratados del célebre teórico de origen franco-flamenco Johannes Tinctoris, que entre los años 1475 y 1488, aproximadamente, figuró en las nóminas de la casa real napolitana. Se conserva en la Biblioteca de la Universidad de Valencia (Ms 835), junto con otros códices que pertenecieron a la biblioteca privada del duque.

Por las razones que fuere, entre los libros que don Fernando donó al monasterio de San Miguel, destinado a convertirse en panteón familiar, no figura el Cancionero de Gandía, a pesar de que todo su repertorio sea sacro. En cambio entre los libros de polifonía del inventario aparece un juego de cuadernos cuyo repertorio debió ser de género profano, a tenor de lo que indica su curiosa reseña, que es ésta:

“Una caxa cubierta de cuero negro, por dedentro aforrada de raso carmesí, dentro de la qual estavan quatro libretes pequeños, pintados en pergamino y cubiertos de terciopelo negro con sus cintas, que llevaban quando su Excelencia yva a caça.”

Como no es probable que el único manuscrito con repertorio musical no sacro en posesión del duque de Calabria fuese un juego de cuatro cuadernillos, uno para cada voz según se estilaba en la época, obviamente los que tuviese no debió donarlos al monasterio, con esta única excepción.

Tanto en la Edad Media como en el Renacimiento, los músicos que formaban parte de las capillas de la nobleza además de interpretar el repertorio relacionado con sus servicios litúrgicos intervenían en todo tipo de actividades lúdicas que requiriesen de su presencia. En el caso particular de la de los duques de Calabria existe un testigo de excepción de este tipo de actividades, el compositor y vihuelista Luis Milán, que por lo que parece fue el músico de cámara favorito de doña Germana de Foix. Amante de diversiones y festejos, la duquesa había aprendido a tocar “muchos instrumentos, como el laúd [y] el manicordio, y [a] cantar su parte con otras [y] bailar”, según refiere un autor anónimo; en el inventario que se realizó de sus bienes cuando falleció, figura un “clavicímbol” manufacturado en Flandes, que la duquesa debía saber tocar.

Luis Milán, conocido sobre todo por su Libro de Música de vihuela de mano intitulado El maestro (Valencia, 1536), que inaugura el espléndido legado de los vihuelistas españoles del Renacimiento, escribió un libro titulado El Cortesano (Valencia, 1561) que brinda una excepcional aproximación a las actividades en las que solían tomar parte el duque de Calabria y su primera esposa en los ratos

de ocio. Editado años después de que falleciese el duque, el libro, que para algunos está inspirado en acontecimientos ocurridos entre abril y mayo de 1535, imita el famoso *Il Cortigiano* de Baltasar Castiglione (Venecia, 1528), traducido y editado en español por Juan Boscán en 1534.

Especialmente interesante resulta la descripción que hace Milán de la Fiesta de Mayo organizada por los duques en su casa, que contó con la participación de sus cantores y de “todo género de instrumentos musicales”. En uno de los espectáculos ofrecidos a los invitados se cantaron piezas en italiano tales como *Ben venga maggio*, una canción de Angelo Poliziano cuya música se conserva gracias a una antología de laudas editada en Florencia en 1485/6. En otro de los espectáculos intervinieron “dos grandes músicos”, uno que tañía la cítara y otro que cantaba “dulcemente”, que interpretaron juntos varios romances de tema mitológico.

Durante la cena que siguió a la fiesta Olivart, uno de los cantores del duque, interpretó, acompañándose de un instrumento, las coplas de una canción cuyo refrán era entonado por el resto de sus colegas, Toma, vivo te lo do. Y, como no podía ser menos, también participó en la fiesta Luis Milán.

En el mismo capítulo del *Cortesano* en el que narra la Fiesta de Mayo, Milán describe una de las muchas cacerías organizadas por el duque, en cuyo séquito figuraban al menos en esta ocasión –real o ficticia– sus cantores. Milán los hace intervenir en dos ocasiones. En una cantan juntos, mientras acompañan al cazador de un ciervo, un villancico basado en el salmo 42/3 cuyo refrán decía así: “*Sicut cervus ad fontes aquarum,/ viene el ciervo del marido/ que su mujer le ha herido*”.

En la otra interviene el ya citado Olivart, que canta a solas un romance. El repertorio del juego de cuadernillos legado por el duque al monasterio de San Miguel, que se supone llevaban sus cantores cuando el iba de caza, no debió ser muy distinto al referido, aunque en todo caso no figura en el *Cancionero de Uppsala*. En cambio sí que se recogen en él varios de los villancicos que cita Milán a lo largo de su relato, glosándolos casi siempre de forma distinta.

Tal como observara el poeta y dramaturgo Juan Fernández de Heredia, que desarrolló buena parte de su carrera al amparo de los virreyes de Valencia, las dotes de Milán como versificador no están a la altura de su talento musical. En una serie de coplas que ambos entrecruzaron criticándose mutuamente, Heredia le dice a Milán: “*Si la vihuela olvidáis,/ y trováis y componéis,/ tomáis lo que no sabéis/ y lo que sabéis dejáis,/ y así, señor, os perdéis*”.

La comparación de la glosa del refrán de uno de los villancicos que dan con ligeras variantes tanto el *Cancionero de Uppsala* como Milán en *El Cortesano*,

brinda la oportunidad de juzgar si Heredia llevaba o no razón. La versión de Uppsala dice así:

Yéndome y viniendo
me fuy enamorando,
una vez riendo
y otra vez llorando.
Yo estaba sin veros
de amor descuidado,
mas en conoceros
me vi enamorado.
Nunca mi cuidado
se va moderando,
aunqu'esté riendo
y otra vez llorando.
Por su parte dice Milán:

Yendo y viniendo
voyme enamorando,
una vez riendo
y otra vez llorando.
No es la de mi, ciego,
voluntad pequeña,
más arde mi fuego
si le añaden leña.
Vánmela añadiendo
mis ojos mirando,
una vez riendo
y otra vez llorando.

Llama la atención la altura poética de todas las composiciones que lleva el Cancionero de Uppsala, de cuya recopilación tuvo que ser responsable alguien que fuese un buen conocedor de este tipo de repertorio. Milán, de cuya biografía casi lo único que ha trascendido es lo que el mismo cuenta en sus publicaciones, es el candidato idóneo –aunque no el único–, tanto por su formación como por su presencia en Valencia en un momento en que allí estaba de moda el tipo de repertorio que incluye el Cancionero.

A la lista de compositores representados en él, entre los que ya hemos destacado las figuras de Cárceres y Pastrana, se suma Matheo Flecha el Viejo, cuya vinculación con Valencia, y en particular con la corte del duque de Calabria, prueba sobradamente el texto de una de sus ensaladas más célebres, La Viuda, tal vez dedicada a la que fuera la segunda esposa del duque, doña Mencía de Mendoza, según sostiene una hipótesis reciente. Son dos los villancicos de

Matheo Flecha incluidos en Uppsala, Què farem del pobre Joan, una sátira despiadada sobre un marido abandonado por su mujer, y Teresica hermana, que tanto por su deliciosa simplicidad como por su argumento se ha convertido en una de las piezas más conocidas del Cancionero. Dice así:

Teresica hermana,
de la fararirirá,
hermana Teresa.

– Teresica hermana,
si a ti pluxiesse
una noche sola
contigo durmiesse,
de la fararirirá,
hermana Teresa.

– Una noche sola
yo bien dormiría,
mas tengo gran miedo
que m'enpreñaría,
de la fararirirá,
hermana Teresa.

En ambos casos se conoce el nombre de su autor gracias a Miguel de Fuenllana, que en su Libro de música para vihuela, intitulado Orphénica lyra (Sevilla, 1554) incluye sendas adaptaciones suyas para voz y vihuela. Fuenllana también da en su edición otro villancico de Flecha, Si amores me han de matar, del que el Cancionero de Uppsala ofrece una bella adaptación a cinco voces debida a un autor anónimo.

Si en el Cancionero llama la atención la cuidada ordenación de su repertorio, lo mismo sucede con El maestro de Luis Milán. Dividido en dos libros, éstos se subdividen a su vez en varios cuadernos. En el primer libro, y tras un cuaderno de instrucciones, siguen otros seis con veintidós fantasías para vihuela y seis pавanas, todas ordenadas según su grado de dificultad y, a veces, el modo en que están escritas. El octavo y último cuaderno es “de música para cantar y tañer” e incluye tres villancicos en español, seguidos de otros tres en portugués, dos romances y tres sonetos en italiano. El segundo libro da comienzo con once fantasías, cuatro tientos y otras siete fantasías para vihuela, cuya ordenación responde al mismo criterio que el del libro anterior; concluye con tres villancicos en español, otros tres en portugués, dos romances y tres sonetos en italiano.

La inclusión de villancicos portugueses en El maestro está justificada, teniendo en cuenta que Milán dedicó el libro “al muy alto y muy poderoso e invictísimo príncipe don Juan, por la gracia de Dios rey de Portugal”, que no es otro que Juan III (1521-57), a cuyo servicio es posible que estuviese antes de ingresar en

el de los duques de Calabria. Milán pudo formar parte del séquito que acompañó a doña Isabel, hermana del monarca portugués, cuando casó en Sevilla con el emperador Carlos V en marzo de 1526. Semanas después tuvo lugar en aquella misma localidad el enlace matrimonial entre el duque de Calabria y Germana de Foix, del que fueron padrinos el emperador y su esposa, ocasión excepcional en la que Milán pudo entrar en contacto por vez primera con los nuevos virreyes de Valencia.

Si fue Milán quien recopiló el repertorio del Cancionero de Uppsala, el que haya en él algunos villancicos en portugués se explica por el buen conocimiento que tenía del repertorio musical en dicha lengua, según prueba en *El maestro*. Sus años de estancia en Valencia le permitieron, asimismo, entrar en contacto con el repertorio musical en catalán, lengua propia del reino valenciano desde que pasó a formar parte de la Corona catalano-aragonesa, tras su reconquista a los moros en el siglo XIII. Los cuatro villancicos en lengua catalana, junto a los cuarenta y nueve en español del Cancionero de Uppsala, sugieren que el repertorio de este último debió de circular por un territorio bilingüe en el que no obstante el español predominase como lengua de comunicación en los círculos de la nobleza, territorio que no pudo ser otro que Valencia.

En caso de que nuestra hipótesis sea cierta, cuando la recopilación llegó a la imprenta Milán ya habría fallecido, pues de otro modo habría aprovechado la ocasión al menos para escribir unas palabras justificativas de la edición, tal como hace en sus tres publicaciones conocidas, *El maestro*, *El Cortesano* y un delicioso *Libro de motes de damas y caballeros* editado en Valencia en 1535. La dedicatoria de *El maestro* al rey de Portugal también podría justificarse por el hecho de que en 1536, año de su edición, falleció doña Germana de Foix y tal vez Milán buscara trasladarse de nuevo, o por vez primera, a la corte portuguesa.

Sea como fuere, cuando el Cancionero de Uppsala vio la luz su repertorio de villancicos, o al menos la mayor parte de ellos llevaba circulando desde hacía al menos un cuarto de siglo y algunos siguieron circulando durante bastante tiempo más. Además de Fuenllana vihuelistas como Luis de Narváez, en *Los seys libros del Delphin* (Valladolid, 1538), o Diego Pisador, en su *Libro de música de vihuela* (Salamanca, 1552), incluyen adaptaciones para canto y vihuela de villancicos que poco después aparecerían recopilados en el Cancionero, tales como *Con qué la lavaré* y *Si te vas a bañar*, *Juanilla*, o *Dezilde al cavallero*, la única pieza del género que queda de Nicolás Gombert; además de la adaptación de Pisador, la melodía de este villancico fue glosada por el célebre organista de la casa real española Antonio de Cabezón (1510-1566), le sirvió a Cristóbal de Morales (ca. 1500-1553) de *cantus firmus* para una de sus Misas, y ya en el siglo XVII fue utilizada por Bartolomé Selma y Salaverde como tema de una de las fantasías de sus *Canzoni, fantasie et correnti da suonar* (Venecia, 1638).

Si en casos como el de Dezilde al cavallero es difícil decidir si el poema, junto con su melodía, ya había circulado antes de que fuese objeto de una versión polifónica por parte de un compositor “culto”, en otros la evidencia es mayor. Nos referimos especialmente a aquellos cantares de los que se conocen diversas variantes, una de las cuales es la que figura en el Cancionero de Uppsala. Así por ejemplo, el Cancionero Musical de Palacio, el más célebre en su género de la época de los Reyes Católicos, llevaba un villancico, hoy perdido, cuyo refrán coincidía, al menos en su primera línea, con el de un divertido villancico que el dramaturgo Diego Sánchez de Badajoz (ca. 1550) hace cantar y bailar a dos de los personajes que intervienen en su Farsa del juego de cañas. Dice así:

No me las enseñes más,
que me matarás.
Estábase la monja
en el monasterio,
sus teticas blancas
de so el velo negro.
No me las enseñes más,
que me matarás.

El Cancionero de Uppsala da una variante de este mismo villancico, harto más refinada (en lugar de las “teticas” es cuestión de unos lindos ojos), cuya melodía es probable que coincidiese o derivase de aquella que tenía in mente Sánchez de Badajoz, tal vez popularizada gracias al villancico del Cancionero de Palacio.

Son muchas las incógnitas de este tipo que plantea el repertorio del Cancionero de Uppsala, aunque la más importante de todas sigue siendo el motivo que llevó a la imprenta una selecta antología de villancicos tal vez recopilada por Luis Milán, que en todo caso no debió ser el responsable último de la edición. Si lo hubiese sido resultaría extraño que su nombre no figure en ella, ni tampoco el de Pastrana, Cárceres y Flecha, autores de algunos de los villancicos, con los que Milán debió coincidir en Valencia, en la corte de los duques de Calabria.

Publicado em:

<http://www.goldbergweb.com/es/magazine/essays/2004/06/24811.php>

TRÊS TROBADORES MEDIEVAIS

Mateo Flecha "el Viejo"

Nació en Tarragona en 1481, y se le apoda el viejo para diferenciarlo de un sobrino del mismo nombre que veremos más adelante. Se le conoce casi

exclusivamente como compositor de Ensaladas, género musical emparentado con el Quod Libet, es decir mezcla de varios ingredientes, desde idiomas (latín, italiano, catalán, español...), géneros (religioso y profano), texturas (homofonía, contrapunto), ritmos, número de voces, etc...

Además de lo dicho, La ensalada es música descriptiva, en algunos casos onomatopéyica, trátese de la Guerra, donde oímos los cañonazos y el entrechocar de espadas, trátese de El Fuego donde casi pudiéramos sentir el crepitar de las llamas, el algaravío pánico del público que lo contempla.

Como precedente de este género se tiene el villancico por las sierras de Madrid de Peñalosa, aunque sin duda comparado con la variedad de recursos utilizados por Flecha, más que ensalada nos parezca ensaladilla (es un chiste, malo). Compuso 11 que sepamos, de las cuales completas nos han llegado solo seis, Jubilate, El fuego, La Bomba, La negrita, La guerra y La justa.

Cristóbal de Morales

Nació en Sevilla hacia 1500. Durante casi toda su vida profesional se pasó saltando de un sitio a otro, sin saber el por qué de esa inestabilidad: Ávila, Plasencia, Capilla Sixtina romana, Toledo, Sevilla otra vez, Marchena, y Málaga por fin, donde la muerte le sorprende mientras solicitaba el puesto de maestro de capilla en Toledo. Corría el año de 1553. A pesar de este eterno ir y venir, en algunos casos sufriendo menoscabos profesionales y agravios comparativos se le considera el más universal de los polifonistas españoles del XVI, apareciendo en colecciones musicales de toda Europa, junto a los maestros internacionales más reputados, lo cual demuestra que también en su tiempo fue su arte altamente apreciado.

Compuso veintiuna misas, setenta y cinco motetes, dieciséis magníficat, algunas lamentaciones, y poco más. Como puede comprobarse no cultivó el género profano, aunque se le atribuyen algunas canciones, y esto es así por su profunda convicción de que su arte debía de estar al servicio exclusivo de Dios. Dos de sus obras más reputadas hoy y entonces son Emendemus in melius, a cinco voces, de intenso dramatismo, y Lamentabatur Jacob, motetes ambos.

También son muy apreciadas fuera y dentro de nuestro país sus misas pro defunctis, de la que podemos escuchar un fragmento del Pie Jesu Domine. Y no podemos dejar de citar entre lo más excelso de su producción el conjunto de sus Magnificats, dos para cada uno de los ocho tonos eclesiásticos.

Diego Ortiz

Nació en la ciudad de Toledo, se cree que en el año de 1510. Conocido sobre todo por su Tratado de Glosas, publicada en 1553 en Roma, que compone para la vihuela de arco o violón. La obra se divide en dos libros, en el primero nos introduce en el arte de la glosa, así en las clausulas (cadencias) de cada uno de los ocho modos eclesiásticos como en intervalos de segunda, tercera, cuarta y quinta. En el segundo libro trata del arte de tañer el violón con el címbalo, donde incluye fantasías y recercadas sobre madrigales o motetes vocales.

Publicó además Musices liber primus Hymnos, Magnificat, Salves, Motecta, Psalmos, aliaque diversa cantica complectens, donde demuestra su categoría como polifonista, con 69 piezas de 4 a 7 voces. Toda su vida profesional, y su obra por tanto, se desarrolla en Nápoles donde sirve como maestro de capilla para los distintos virreyes que representan en aquella plaza a la corona española.

Wikipedia

REFRANEIRO GALEGO MEDIEVAL

A

- A abella ándao todo.
- A albarda non cansa a besta.
- A albarda non carga a besta.
- Á besta dada non se lle mira a cara.
- Á besta dada non se lle mira prá cara.
- A besta falsa, corda larga.
- A besta golosa, taleiga de area.
- A besta no carro, fidalgo en zocos i-o tempo arreglado de noite, malo.
- A besta non pregunta quén a monta.
- A besta porca, a máis torta.
- A besta que xeme, a cargo non teme.
- A besta vella non entra en varas.
- A besta vella que non come, osma.
- A besta, de amatada, de lonxe ve vir as pegas.
- A besta, o dono dela (enténdeala).
- A besta, pola cebada, non é cara.
- A besta, polo medo, i-o boi, pólo meimo.
- A bo esterco mellores patacas.
- A boa man, de rocín fai cabalo, e a ruín, de cabalo fai rocín.
- A boi bravo, rego largo.
- A boi bravo, surco largo.
- A boi peleón nunca lle faltarán cornadas.
- A boi rebelón, aguillón.
- A boi vello non lle busques abrigo.
- A boi vello non lle mudes de corte.
- A boi vello non lle mudes o cortello.
- A burra i-a ovella pola xeadá medra.
- A burra que ten pollino non vai direita ó muíño.
- A cabalo morto... chourizos no matadeiro.
- A cabalo regalado non lle mires o dente.
- A cabalo reghalado non se lle mira dente.
- A cabalo vello, cabezadas novas.
- A cabra anda tras da aixada i-a ovella tras da rella.
- A cabra cas marmellas i-a muller ca prudencia.
- A cabra cega, monte largo.
- A cabra co vicio dá ca corna no cu.
- A cabra co vicio dá co corno no cu.
- A cabra co vicio non coida dos cornos.
- A cabra co vizo dá cos cornos no cu.
- A cabra da raña, canto máis lle rogan, máis medra.

A cabra pare cabritos.
A cabra pola corredoira, con tal que comer non poida.
A cabra sempre tira pró monte.
A cabra tira ó monte e os cachos ás olas.
A cabra tira ó monte.
A cabra tira pró monte.
A cabra tola monte largo.
A cabra, co vicio, dá cos cornos no cu ao seu dono.
A cabra, despois de chea, dá côas cornas no cu.
A cabra, por ben que lle des, sempre será tragona e montés.
A cada pita faille falta o que escarabella, i-á noite, a cena.
A cada tempo o seu tento.
A can vello n'hai tus tus.
A can vello non hai cus cus.
A ceba é unha cosecha como outra.
A cocho gordo, todo o mundo é a untarlle o rabo.
A cocho vello, untarlle o rabo.
A colmea pobre sale do inverno e no maio morre.
A filla da cabra, cabirta é.
A galiña de Monzón polo bico pon.
A galiña de xaneiro pon un centeiro.
A galiña durmente cántalle ó raposo no dente.
A galiña mentras non pon é pola.
A galiña o que fai co pico, estropéao cas patas.
A galiña polo bico pon.
A galiña pon un ovo encima doutro.
A galiña poñedora non ten precio na feira.
A galiña que canta como o galo é mala estrucia na casa.
A galiña que máis canta non é a que máis pon.
A galiña que moito canta non é a que máis pon.
A galiña que non poña, mal será que non veña o día en que morra.
A galiña vella fai o bon caldo.
A galiña, canto fai co pico, desfaino coas patas.
A gando bravo, corda larga.
A gata lamboira, como fai, coida.
A gata lamboira, según as fai, así as coida.
A gata rubia, tal as fai, tal as cuita.
A gordura é boa pós bois.
A máis non poder, déitase coa túa muller.
A máis vivir, máis sufrir.
A marrá, de tres semanas; o cabirto, dun mes; a neniña, de quince anos; i-o galán, de vintetrés.
A millor das aves, o porco si voara.
A miña cadela lapoira, tal as fai tal as coida.

A mula roedora, talega ó fuciño.
A ningún can engorda o lamber.
A novo negocio novo consello.
A novos tempos novos consellos.
A ovella i-a abella por abril dan a pelexa.
A ovella mansa moitos años a mamanan.
A patada da besta non lle fai mal ó potro.
A paxariña que o día da Ascensión menea os ovos quédanlle golos.
A pedradas non se collen os paxaros.
A pita i-a vaca, pola boca se cata.
A pita i-a vaca, polo bico cha cata.
A pita i-a vaca, polo pico se catan.
A porco gordo, engordalo; a porco fraco, quitarlle o rabo.
A porco gordo, untarlle o rabo.
A porco morto i-a labrego difunto, libertade ó punto.
A pouco viño pequeno traguíño.
A raposa perde as forzas e non as mañas.
A ruín cocho, unha boa mazán.
A tal tempo, tal tento.
A tódolos porcos lles chega o seu Antroido.
A toro bravo, corda larga.
A vaca aveirona nunca se henche.
A vaca da miña veciña, con auga dá leite pra todos.
A vaca do vilán, se dou leite no inverno, millor a dará no vran.
A vaca i-a porca, a máis torta.
A vaca lamboira, das que fai, coida.
A vaca lambona, do que fai, coida.
A vaca leiteira, boa calda, boa manteiga.
A vaca mui feirada, nin vendela nin comprala.
A vaca qu'anda de feira en feira, n'hai quen a queira.
A vaca que moito leite ha de dar, pola boca lle ha de entrar.
A vaca que non come cos bois, ou come antes ou come despois.
A vaca que non come cos bois, ou come antes ou despois.
A vaca que nun coma cand'os bois, come antes ou despois.
A vaca que se deita na herba, ou está chea ou enferma.
A vaca remoi i-a peseta cai ¿que prisa hai?
A vaca truqueña, mandala pronto prá feira.
A vaca, pra ser leiteira, ha de ter ubre larga, os cornos afilados e o fuciño achatado.
A volpe vai polo millo e non come, mais dálle ó rabo e sacode.
A xaula preparada, o paxaro morto.
A zorra pinta o morto.
Abade avarento, por un bodigo perde un cento.
Abanea o rabo do can, non por ti sinón polo pan.

Abella que pica, non volve a picar.
Agrade o cocho e non se repare no cocho.
Aire do oeste, solta os bois e vente.
Alá van os pés onde o corazón quer.
Albarda non carga a bestia.
A'lforxa adorn'a besta.
Alí ten a galiña os ollos, onde ten os seus ovos.
Anchura, miñas vacas, gordas como estacas.
Anchura, miñas vacas: herba nin vela e fame roela.
Ande ou non ande, bestia grande.
Ande, non ande, besta grande.
Anelo de ouro no fuciño de porco vese pouco.
Animal de pico nunca o home fixo rico.
Antes do oito de abril, o cuco ten que vir; si o cuco non veu, morte se ten.
Antes sudar que tremar.
Ao burro e ao mulo, a carga no cu.
Ao cocho gordo, todo o mundo é a untarlle o rabo.
Aran as vacas e tiran os bois.
Are o meu boi no folgado e o teu pólo alabado.
As abellas non queren ser partidas nin reñidas.
As amatas do meu burro fixeron de min albéitar.
As bestas queren frío hasta que lle reghaña o fuciño.
As bestas queren frío hasta que lles regañe o fuciño.
As bestas vellas son as que máis apañan.
As boas palabras aloumiñan; as malas espiñan.
As boas palabras vencen e ganan.
As cabras de Bocelo todas son dun pelo.
As cabras de Mondoñedo botan tarde e veñen cedo.
As cabras de Mondoñedo, bótanas tarde e tráenas cedo.
As cabras du vesíño van tarde e vén sedo.
As cabras, co vicio, dan cos cornos no cu.
As colmeas xa castradas e as abellas remontadas.
Ás doce non hai porco que non foce.
As galiñas de san Xosé todas son do mesmo raso.
Ás nove déitate, home; ás dez, Muller ¿ti ves?
As penas, ou acaban ou se acaban.
As pulgas e os cas morden ás mañás.
As vacas de Cancelada, muito ubre e pouca canada.
As vacas queren auga hasta amolecer os cornos.
As vacas queren aughoa, hasta que ll'amolecen os cornos.
As vacas, si queres que se vaian, bérralles de lonxe.
Ás veces manca máis a patada dun burro que a dunha besta grande.
Ás veces ruín cadela roe boa correa.
Aúna como a galiña na casa, que pica e pasa.

Ave de pico non fai a seu amo rico.
Ave de pico non fai a seu dono rico.
Ave de pico non fai o seu dono rico, io que o dice é un gran borrico.
Ave de pico non pon o amo rico.
Ave de pico, a naide pon rico.
Ave de pluma, non deixes ninguna; s'u porco voara.
Ave de pluma, non deixes ningunha.
Ave por ave, o cocho si voase.
Ave que se muda, en cada sitio deixa súa pluma.
Ave que se muda, en cada sitio deixa unha pluma.
Ave que vai de paso, cañazo.
Axudémonos do boi que é alleo.

B

Bacoriño de celeiro non quer compañeiro.
Bacuriño no palleiro non quere compañeiro.
Baraxo de gando, perdendo ou ganando.
Bebe o viño alí onde come a perdís.
Bebe viño onde comas perdís.
Becerriño no palleiro non quere compañeiro.
Becerro e vaca sobrante, quitalos logo de diante.
Becerro en inverno ben tratado, para
Ben sabe o burro cándoo é día de misa.
Ben sabe o burro en qué cara rebuzna.
Ben sabe o burro en qué casa ornea.
Ben se alegra o lobo do que come o zorro.
Ben vai a cabra coxa, como o lobo non-a colla.
Besta andadora, nunca a vella chega.
Besta atada, se non come, paga.
Besta branca non a come o lobo.
Besta brava, corda larga.
Besta cega ben a ves.
Besta de andadura pouco dura.
Besta de herba, besta de merda.
Besta de herba, besta de merda;
Besta de toxo, besta que dá noxo;
Besta de pan e cebada, besta prá xornada.
Besta de herba, besta de perda.
Besta de monte, a orella cortada.
Besta golosa, talega d'area.
Besta grande, ande ou non ande.
Besta grande, ande, non ande.
Besta moína, falsa ou fina.

Besta mular, comer e andar.
Besta mular, ou comer ou andar.
Besta peluda engañ'a tres.
Besta que fai "jiu!" é porque é falsa.
Besta que non poidas manter, levala a vender.
Besta que non poidas pagar, deixala apastar.
Besta que xeme, á carga non teme.
Besta roán, ou podre ou san.
Besta sin rabo, o demo a aparella.
Besta vella n'entra en paso, pero a leña i-a muller, cantas máis tomas alcance,
tanto millor son de arder.
Besta vella n'entra en paso.
Besta vella non colle enseño.
Besta vella non dá paso.
Besta vella non sigue paso.
Besta vella todo é callos.
Besta vella, botala ós toxos.
Besta vella, cómena os lobos.
Besta vella, ós toxos, e home vello, ós arredores.
Besta vella, ós toxos.
Besta vella, pouco verde.
Bestas no monte e barcos no mar nunca faltan.
Bestias do monte non comen cebada.
Boa orella, porco de boa casta.
Boa pata e boa orella son sinal de boa besta.
Boa pata e boa orella, sinal é de boa besta.
Boas palabras e malas obras hainas ás sobras.
Boas palabras non manteñen.
Boborás, vai que ben vas.
Boi bravo en terra allea faise manso.
Boi bravo, rego largo.
Boi bravo, vente ó carro que o manda o Apóstol Santiago.
Boi ceibo, de seu se lame.
Boi de palla, besta de herba e home de moita verba, todo é merda.
Boi de ventre non mente.
Boi e vaca escornador e xente de señorío, canto máis lonxe, millor.
Boi e vaca escorneador e xente de servicio, canto máis lexos mellor.
Boi manso matou o home.
Boi morto, vaca é.
Boi morto, vaca é; carne de porco, touciño.
Boi pequeno, en cornos crece.
Boi porque aras, boi porque non aras.
Boi que escorna, escorna i-escornará.
Boi que escorna, escornou e escorna.

Boi que está mui traballado, non che serve para o barco.
Boi que non garda o rego, engordalo e vendelo.
Boi roedor, boi comedor.
Boi vello pola reigueira.
Boi vello pola rilleira.
Boi vello, de seu leva o rego.
Boi vello, rego dereito.
Boi vezado volve ó prado.
Boi vezado, carreira ó prado.
Bois de palla, bois de nada.
Burro é o que non toma se lle dan algo que beba ou coma.
Burro morto, cebada ó rabo.
Burro que entra na devesa allea, volverá cargado de leña.
Burro vello, albarda nova.
Burros blancos, burros negros, lameiros arriba do rego e mozas de Boborás, vai que ben vas.
Búscalle os tres pés ó gato i-atoparás catro.

C

Cabalo grande, ande ou non ande.
Cabalo grande, ande, non ande.
Cabalo morto, chourizos no matadeiro.
Cabalo que diga "hin", home e muller que sepa latín e fonte que regue no fondo do prado, renégoche deles como do diablo.
Cabalo que ha de ir á guerra, non-o aborta súa nai.
Cabalo que ha d'ir á guerra no es poltro o égua.
Cabalo que non conozas non montes.
Cabalo, espada e muller, a naide se han de ceder.
Cabra con zarcelos, en calquer tempo.
Cabra coxa non precisa solta.
Cabra coxa non quer sesta e se a toma, mal lle presta.
Cabra coxa non quer xesta.
Cabra coxa non quere sesta; se a toma, mal lle presta.
Cabra coxa non quere xesta e se a toma non lle presta.
Cabra coxa non ten pernas.
Cabra coxa non ten sesta e se a ten, mal lle presta.
Cabra por viña, de tal mai tal filla.
Cabra que está na serra, por ti pasa e por min espera.
Cabra que estás na pena, polo que doutra oies, a ti che espera.
Cabras de Pedro Rodríguez, tarde ides e cedo vides, i-o mal que tedes, na corte o colledes.
Cabritiño de xaneiro i-añiño de ferbeiro.
Cada can lambe a súa ferida.

Cada can lambe os seus.
Cada formiga ten súa ira.
Cada gota d'auga na sega, val un sapo na terra.
Cada gota de auga na sega, val un sapo na terra.
Cada moucho no seu souto.
Cada moucho ó seu portelo.
Cada ovella con súa parella.
Cada peza do cocheo seu sabor ten.
Cada pita ben come o que escarabella i-á noite hai que lle dar a cena.
Cada pita come o que escravella i-á noite hai que lle dar a cea.
Cada porquiño fai o seu aniño.
Cada porquiño ten o seu santiño.
Caga máis un boi que cen golondrinas.
Cal o tempo, tal o tento.
Cales palabras me dis, tal corazón me pos.
Calzada de un pé, boa; de dous, millor; de tres, mala; e de catro, peor.
Campo que vexas moi adiantado, cómano as ovellas sin coidado.
Can que moito lambe tira sangue.
Can vello non aprende ensino.
Can vello non colle enxeño.
Cando a galiña canta como o galo, a morte está no tellado.
Cando a galiña canta, ou ovo deixa ou zorro espanta.
Cando a galiña canta, sinal de que hai ovo.
Cando a galiña pica o galo, maliño malo.
Cando a galiña pica o galo, malo; cando o galo pica a galiña, aínda, aínda.
Cando a galiña pica o galo, sinal de bon ano.
Cando a golondrina marcha, acabouse o vran.
Cando a ovella berra, vai o lobo tras dela.
Cando a pita galea o galo, sinal de bon ano.
Cando a pita pica ao galo, sinal de bon ano.
Cando a pita pica o galo, sinal de pitos pró ano.
Cando a rula canta no seu ruleiro, botar o millo anque sea no bulleiro.
Cando a rula está no ruleiro, bota o millo, anque sea no bulleiro.
Cando as pegas cantan, algo ventan.
Cando as sanas se poñen coxas ¿que farán as coxas xa?
Cando cacarexa a pita, algo sente na crista.
Cando canta a galiña, prepara a sartén i-encende a cociña.
Cando cant'o cuco, millo ó suco.
Cando che dean a ovella, lévaa.
Cando che deren a vaquilla, colle a soguilla.
Cando chega Difuntos, os corvos chegan todos xuntos.
Cando chove e sarabea, a galiña cacarea.
Cando chove e vai sol, cas'o zorro e maila zorra.
Cando dicen lobo, lobo non será pero zorro é seguro.

Cando está o pelexo á porta, sinal de que a burra é morta.
Cando esteas entre os parvos, faite parvo.
Cando o año berra e o pito pía, acabouse o tempo da fía.
Cando o burro vén ó lugar, todos o queren tomar.
Cando o can quere a cadela, ofrécelle farela.
Cando o corvo canta, algo venta.
Cando o galo pica a galiña, aínda, aínda...
Cando o gato lava a cara, sinal de inverno.
Cando o gato lava a cara, sinal de inverno.
Cando o gato se lava, cubre a túa casa.
Cando o lobo anda solto, todo bicho se mete no tobo.
Cando o lobo mata, mata pra todos.
Cando o merlo pide pan, arrabea o catalán.
Cando o tempo se poña de color de ouro, castra o teu touro.
Cando o teu veciño mate o porco, ti mata unha pita.
Cando o trigo está na eira, anda o pan por enriba da artesa.
Cando o zorro non vén, marañada ten.
Cando os corvos berran, sinal de que chove.
Cando os corvos súan, sinal que non hai pan.
Cando pases pola terra dos tortos, pecha un ollo.
Cando vén a bubela i-o chau garrido, sembra o primeiro millo.
Cando vén o cuco, vén o pan ó suco.
Canto máis burro, máis palla.
Canto máis fraco é o can, máis tarambollo lle dan.
Canto máis gordo é o porco, millor san Martín se fai. ,
Canto máis grande o can, máis tarambollo lle dan.
Capós, pavos, gansos e coellos por esceución deben facerse vellos.
Carga larga, man na illarga; ó cabo dun ano, nin besta nin carga.
Carneiro pra vender, pola mañá ha de pacer.
Cas boas palabras ninguén come.
Catro paxaros pasan o mar o cuco, a anduriña, a rula i-o paspallá.
Cébanse nos xaulós pavos, gansos e capós.
Cegos, pegas e choias, dou ó demo estas tres xoias.
Cegos, pegas e choias, o demo cargue con todas.
Chámenme can e díanme pan.
Chega abril; si o cuco non vén, ou morriu o no sei qué ten.
Chover, chover, hasta o corno amolecer.
Coida o prado e terás gado.
Como a cabra por súa viña, onde vai a nai vai a filla.
Como come a besta, dío a bosta.
Como come o burro, dicho o seu cu.
Como come o mulo, así caga o cu.
Como sementares e estercares, así collerás cando regares.
Como sin mel non hai abellas e sin abellas non hai mel, castra as abellas entre

Candeas e san Miguel.
Como vai o gando engordando, convén sin recelo ilo despachando.
Como verás, así farás.
Como vires, así fai.
Con bon tempo hai que castrar e tódalas crías destetar.
Con perros vellos non hai cus cus.
¿Con que soña o porco? Coa lavadura.
Con sufrir todo se alcanza.
Cordeiro manso mama a súa ovella e a allea.
Cornada de burro non mata a xente.
Corvos á dreita, sorte ben feita.
Corvos en bandada, ou sombra ou presada.
Cos animás a forza de limpeza,
Costa abaixo no me montes, costa arriba non m'afrontes, por llano non ma perdones.
Costa abaixo non me montes, costa arriba non me aprontes, e polo chan dáme da man.
Costa arriba non me montes, costa abaixo non me afrontes, polo chan non me perdones.
Costas abaixo, eu me as subo; costas arriba, and'o meu burro.
Costas arriba non m'apures, costas abaixo non me montes, e polo llano non me aforres.
Cregos, frades, pegas e choias son do demo catro xoias.
Cría corvos e quitaranche os ollos.
Cría corvos e sacaranche os ollos.
Criado e galo, un ano.
Criado e galo, un ano; despois de un ano, nin bo criado nin bo galo.
Cuando a choia choeia, o lobo rodea; cuando o corvo corvea, o lobo prea.
Cuco cantando, primaveira na man.
Cucú cantando, primavera na man.

D

Dálle a un o pé e collerache a man.
Dálle graus á pola que ela porá.
Dáme a terra estercada e non ma deas gabada.
Dáme onde me sente que eu farei onde me deite.
Daranlle ó labrador moita riqueza.
Das aves de plumas non desprecies ningunhas.
Das aves, a perdiz, e mellor a codorniz; e se o porco voara, quen lle ganara.
Das cereixas ós nabos ben o pasamos e dos nabos ás cereixas damos as queixas.
Das cereixas ós nabos no nos queixamos; dos nabos ás cereixas veñen as queixas.

Das cereixas ós nabos ¡que ben o pasamos!; dos nabos ás cereixas dámolas queixas.

Das cereixas ós nabos ben o pasarás, pero dos nabos ás cereixas damos as queixas.

De besta vella, aos toxos.

De besta, a mular, e de home, o de pouco falar.

De besta, a mular, e de home, o pouco falar.

De bestia vella, ós toxios.

De boa casta é o can pra non roer o óso.

De burro abaixo non hai máis r[u]ín besta.

De burro abaixo non hai máis roín bestío.

De burro abaixo non hai máis ruín besta.

De burro abaixo non hai menos besta.

De burro abaixo non hai pr'ond'ir.

De can, cadela; de cadela, can.

De tres porcós seis touciños, doce pés e tres fuciños, seis orellas e tres rabos; trinta anacos ben contados.

Déitase o boi no prado porque non se pode sentar.

Deixar andar o can coa roca, qu'el dará conta da mazaroca.

Dende as cereixas ós nabos ben estamos; dende os nabos ás cereixas, todas son queixas.

Des que vén o cuco, enche a cal e mais o suco.

Des que vén o cuco, vén o pan ó suco.

Desconfía da besta que fai "hin" e da muller que sepa latín.

Día d'Ano Novo puxo a miña pita un ovo, e día de Reis xa tiña seis.

Día de Ano Novo pon a pita un ovo; día de Reis xa ten seis; día de Ceniza, cunta outros trinta.

Dis a túa pena a quen non lle apena e quéixaste a nai allea.

Do burro pra baixo non hai máis ruín besta.

Do contado come o lobo i-anda gordo.

Do contado come o lobo.

Do home, o falar, e da besta, a mular.

Do lobo un pelo.

Do lobo, un pelo e, aquel, do lombo no medio.

Do lobo, un pelo, i-aquel do medio do lombo.

Do ó demo o dente que come a semente.

Do superior e do mulo, canto máis lexos millor.

Do uso nace o abuso.

Do zorro nace xente do rabo largo.

Donde a pega ten o ollo, ten o ovo.

Donde hai égoas, poltros nacen.

¿Donde irás, boi, que non ares?

Donde non hai can, o golpe é veciño.

Donde non hai vacas aran os bois e despois, solta-las vacas e xunxir os bois.

Donde o lobo come a ovella, deixa o rastro dela.
Donde sal unha vaca pinta hai encantos na miña.
Donde vexas corpo bota carga.
Donde vexas corpo, bota carga e donde vexas orellas, albarda.
Dous galos nun galiñeiro non cacarexan ben.
Dous lobos a un can ben o comerán.
Dous zarrullos a un can algo lle fan.
Dunha ovella negra sale un año branco.

E

É lidar en van con un burro sin un pau.
En abellas e ovellas non metas o que teñas, pero, podendo ser, nunca estés sin elas.
En abellas e ovellas non metas o que teñas.
En abellas i-en ovellas non metas o que teñas; i-o que rico queira ser, de todo ha de ter.
En abellas i-en ovellas nunca metas o que teñas.
En abril canta o cuco no cubil.
En abril o cuco pó cubil.
En abril sail'o cuco do cubil.
En abril sale o cuco do cuquil.
En abril sale u cuco do cubil.
En cada tempo, seu tento.
En cama de lobos non busques mendrugo.
En canto o prado enverdece, o boi padece.
En casa de Gonzalo, máis pode a galiña que o galo.
En coiro nacín e en coiro me vexo; nin gano nin perdo.
En febreiro paséase o lobo polo carreiro.
En febreiro poño o pé no salgueiro e digo: "Mamas pró barreiro".
En febreiro xa busca o can o palleiro.
En gando tratarás e medrarás.
En ghando ruín non hai que escoller.
En maio unha besta vella parece cabalo.
En ovellas i-en abellas non méta-lo que teñas.
En ruín gando pouco hai que escoller.
Énchete, barriga, estarrícate, meu rabo, en arcas abertas e mulleres de pouco cuidado.
Encima dun ovo pon unha pita.
Enriba dun ovo pon unha galiña un cento.
Entra o can na igrexa porque está a porta aberta.
Entrando xunio, o carneiro ardente retira do rebaño prontamente.
Entre maio e abril sal o cuco do cubil.
Entre marzo e abril sal o cuco do cuquil.

Entre marzo e abril, cal o cuco cal a fin.
Entre marzo e abril, o cuco e a fin.
Entre marzo e abril, sale o cuco do cubil; se chega maio e non veu, mor[r]íu ou non sei qué ten.
Entre marzo i-abril sale o cuco do seu cubil.
Entre santa Mariña e Nosa Señora anda a galiña mui cantadora.
Entrou o rato no meu celeiro e fíxose o meu herdeiro.
Esta pena tenme morta, i-esta pena me conforta.
Estírate, corpo, e alárgate, rabo; Dios che me dea mulleres de pouco cuidado.
Estorniños e pardales non somos todos iguais.
Eu son o pito Cairo, que naceu no mes de xaneiro; se o raposo non me come, hei de cantar no poleiro.

F

Facenda miúda, a seu amo axuda.
Fai como vires onde vivires.
Fai o cuidado ó ganado o neno ben criado.
Faiete ovella e comerate o lobo.
Fillo do lobo ten a orella parda.

G

Gaba o parvo e faino beilar; se non é parvo, parvo o volverás.
Galiña buscadora é a máis poñedora.
Galiña de xaneiro pon no colmeiro.
Galiña que cacarexa, algo venta ou ovo deixa.
Galiña que cacarexa, algo venta ou ovo pon.
Galiña que cae do puleiro, morte na porta.
Galiña que canta quere capón.
Galiña que non pon, levala á feira.
Galiña qu'escacarexa, algo venta.
Galiña vella fai bon caldo.
Galiña vella fai un bo caldo.
Galiñas das pernas verdes, nin as troques nin as vendas.
Galo e criado, un ano.
Galo que non gala as súas galiñas, vai galar as das veciñas.
Ganado gordo volve a seu dono tolo.
Ganados limpos e ben aloxados, en moita parte están cuidados.
Gando na corte, pouca leite e queixo forte.
Gata roxa, tal as fai tal as coida.
Gato berrador non é o máis murador.
Gato celeiro non quer compañeiro.
Gato e can, mala parexa fan.
Gato farto non se doi do famento.

Gato goloso, pau no fuciño.
Gato miañador non é o máis cazador.
Gato moi berrador, nin por eso máis rateador.
Gato moi maullador no é bo rateador.
Gato mui berrador, nin por eso máis cazador.
Gato mui maulleador non é o máis rateador.
Gato mui miador, non por eso é o máis cazador.
Gato mui miador, non por eso é o máis rateador.
Gatos e ratos non comen nos mesmos pratos.
Gatos e ratos non fan compañía.
Gatos fogosos crían fillos cegos.
Golpe dormente non lle chincha á galiña o dente.
Gordura, miñas vacas, gordas coma estacas e herba nin vela.
Grande pé e grande orella é sinal de grande besta.

H

Hai moitos burros da mesma color de coiro.
Hai moitos burros da mesma color que o coiro.
Hai moitos burros dun color.

I

Ispido nacín; ispidido me hacho; nin perdo nin gano.

J

Junt'ó galo a galiña nova pra que o galo estea'lerta.

L

Líbrate de dianteira de viúda e de traseira de mula.
Limpa a fondo e sala os palomares e virán por millares de millares.

M

Macho burreño, macho ferreño.
Máis quero burro que me leve ca cabalo que me derrenque.
Máis val besta que carrexe que non que espeldrexe.
Máis val suar que espirrar.
Máis val unha asnal que cen de pardal.
Máis vale asno que me leve que cabalo que me derrube.
Máis vale ruín besta que bon burro.
Máis vale unha asnal que cento de pardal.
Mal é o dente que come a semente.
Mal ladra o perro, se ladra con medo.

Mal lle vai á corte onde o boi vello non tose.
Mal lle vai ó rato cando vai na boca do gato.
Mal lle vai ós gatos cando andan aos gorriós.
Mal o becho que roe a semente.
Mal o dente que come a semente.
Mal vai a corte donde o boi vello non toxe.
Mal vai ós gatos cando andan ós gorriós.
Maldito sea o burro que non gana a cebada.
Malia do rato que ten un solo buraco.
Malia o rato que non sabe máis dun burato.
Malia o rato que non sabe senón de un burato.
Malia o rato que non sabe senón do burato.
Malo é o dente que come a semente.
Malo é o dente que roe a semente.
Mañá de san Xoán madruga a zorra máis có can.
Marrao de abril sube ca mai ao chamberil.
Mau por mau, com'o pardau.
Menea o rabo o can, non por ti sinón polo pan.
Méntra-lo prado enverdece, o boi perece.
Mentras hai burros, ándase a cabalo.
Mentras o can ladra, non morde.
Mete ó pidincheiro no teu palleiro e faráseche o teu herdeiro.
Miña gata rubia, tal as fai tal as cuida.
Moitas veces a mula reponse ó arrieiro.
Morrendo o can, acabouse a rabia.
Morreu o can e acabouse a rabia.
Morto o can, acabouse a rabia.
Morto o can, morta a rabia.
Moscas comen o mel i-o gando.
Mudado o tempo, mudado o pensamento.
Mula con remoíña, o demo a trasquila.
Mula con remoíño, o demo a trasquila.
Mula moína, ou falsa ou fina.

N

Na cas do abade comede e levade.
Na casa do abade, comede e levade e mal del falade.
Na pintura non está a figura.
Na terra en que morares, axéitate como poidas.
Nabo, castaña e relón fai bon o xamón.
Nabos ó pé dos hortos non ceban os porcos.
Nadie lle tira polo rabo á burra como seu amo.
Naide turra do rabo do poltro como seu dono.

Nas bestas vellas todos son sobrehuesos.
Nin "arre" que escapes nin "xo" que te deites.
Nin besta de moita herba nin home de moita verba.
Nin besta de solo herba nin home de moita verba.
Nin bon Pedro nin bon burro negro, nin bon lameiro por riba do rego, nin vaca ramalleira, nin muller que sea mui amiga da feira nin ola sin asa, todos os demos fóra da miña casa.
Nin bon Pedro, nin bon burro negro nin bon lameiro por riba do rego.
Nin mula que faga "hin" nin muller que sepa latín.
Nin tanto "arre" que fuxa nin tanto "xo" que pare.
Nin tanto "arre" que fuxa nin tanto "xo" que se deite.
Nin tanto "so" que pare nin tanto "arre" que fuxa.
Nin tanto que fuxa nin moito que se deite.
Nin vaca de moita herba nin home de moita barba.
Nin vaca de moito ubre nin home de moito fume.
Ninguén lle tira polo rabo á burra como seu amo.
Ningún can lambendo engorda.
No abril canta o cuco no cubil.
No abril sal o cuco do cubil.
No inverno, sobre todo, o gando ha de estar ben comido.
No mes de abril canta o cuco e o penduril.
No mes de abril sale o cuco do cuquil.
No mes de febreiro ponse o can á sombra do palleiro.
No mes de maio xa vén o cuco co seu vasallo.
No mes de xaneiro está o rancho enteiro.
No mes de xunio e de maio fan os paxaros o seu traballo.
Non é bo mosto o que se colle em agosto.
Non é pola ovella, que é pola la dela.
Non hai boa mula, nin bon can negro nin bon prado por cima do rego. ,
Non hai cartos como os da corda.
Non hai cartos como os que van polo seu pé á feira.
Non hai cocho bon nin ruín que non teña seu san Martín.
Non hai mala terra con esterco e rega.
Non hai millor riqueza que a vontade contenta.
Non hai pita que non teña algunha chocada.
Non hai quen ande atrás da besta como o dono dela.
Non lle ates a boca ó boi, que remoi.
Non múxa-la vaca que ten pouco leite.
Non olvides o porco campeiro si queres velo cebón verdadeiro.
Non pon a galiña, que pon a fariña.
Non pon a pitiña, que pon a tuñiña.
Non tódolos que visten de la son carneiros.
Non todos polos conocen as fabas.
Nunca os lobos comeron uns os outros.

Nunca un lobo come a outro pero cada un tira pró seu bolso.
Nunca un lobo comeu a outro.

O

Ó "toma" todo o mundo asoma, e ó "daca" todo o mundo escapa.
O becerro, das miñas vacas e o mancebo das miñas bragas.
O boi bravo, en terra allea se fai manso.
O boi cando é vello faise un maulón.
O boi ceibo, ben se lambe.
O boi ceibo, de seu se lambe. ,
O boi frontudo e o cabalo cascudo.
O boi ladrón, ou come antes ou despois.
Ó boi pelexón nunca lle faltou unha cornada.
Ó boi pellexón nunca lle faltou u seu roxón.
O boi que non garda o rego, engordalo e vendelo.
O boi que non pasta no prado ¿onde irá a pastar?
O boi que non poda arar, deixalo a pastar.
O boi que non queira beber a auga, o demo que lla faga beber.
O boi que non quere beber auga, o demo lla faga beber.
O boi ruín en corno medra.
O boi solo, ben se lame.
O boi solto de seu se lambe.
Ó boi vello non lle búsque-lo abrigo.
O boi, canto máis vai, máis malo se fai.
O boi, frontudo; e o cabalo, cascudo.
O boi, velo vir, i-a vaca, vela ir.
O bon pavo fártase con fariña e salvado.
O burro burreño ten a forza dun camello.
O burro diante para que a recua non se te espante.
O burro diante pra que non se espante.
O burro que máis traballa, máis rota leva a albarda.
O burro traseiro, que zarre o boqueiro.
O burro, canto máis grande, máis lambe.
O cabalo grande, ande non ande.
O cabalo que non dá a carreira, no corpo lle queda.
Ó cabalo regalado non se lle mira o dente.
Ó cabalo regalado non se lle mira un dente.
O cabalo sube a calzada comendo, chega á vila e tropeza na lama i-están os da vila todos na cama.
Ó cabalo vello, cabezadas novas.
O cabalo, pra pelar, ha de temblar.
O caldiño quente saca os marraos do inverno.
O can de san Torrado, canto fai coa boca, desfaino co rabo.

O can de san Torrado, todo canto fai coa man, desfai co rabo.
O can de Xan Torrado, canto fai ca man, desfai co rabo.
O can do ferreiro dorme ás martilladas e desperta ás dentelladas.
O can e o gato non comen no mesmo plato.
O can que ha de dar mala xeira á raposa, non a ha de levar el moi boa.
O can, no seu palleiro, é moita xente.
O canciño, canto máis pequeniño, máis moniño.
O canciño, canto máis pequeno, máis moniño.
O castor sacou e sacou hasta que o matou.
Ó cocho gordo o demo lle trai a fariña.
Ó cocho gordo untarllo o rabo.
Ó cocho gordo, untarllo o rabo, i-ó flaco, repinarllo.
O cocho non quere amo que quere ano e, pra que seña bon, amo e ano.
Ó cocho non se lle dá, que se lle empresta.
O cocho, cando soña co farelo, é seña que come.
O corpo da vaca e ovos da gata.
O cuco e o predicador, canto máis altos máis millor.
O cuco e o predicador, canto máis altos, millor.
O dente do rato é bo dente, que sempre deixa a semente.
O dente que come a semente non é bon dente.
Ó fillo da cabra cabirto lle chaman.
O fillo do lobo ten a boca negra.
O fillo do lobo ten o bico pando.
O fillo do monte, lobo ou raposo.
O galo i-o criado, un ano.
O ganado é a pañería do labrador.
Ó gando bravo, corda solta.
O gato a tapa, i-o que mal quer a destapa.
O gato é da casa i-o can é do amo.
O gato e mais o can van pra onde lles dan pan.
O gato grande pouco lambe.
O gato lambiqueiro nunca gordo está.
O gato lamboiras, según as fai, así as coida.
O gato lambón pensa que todos son da súa condición.
O gato lambriqueiro nunca gordo está.
O gato máis maiador non é o máis ratador.
O gato máis miador non é o máis cazador.
O gato máis miador non é o máis pillador.
O gato máis miañador non é o máis cazador.
O gato maullador non é o millor cazador.
O gato miañador non é o mais cazador.
O gato que non ten máis dunha sortella, non sabe si a poña no rabo ou na orella.
O gato tápaa e o que mal quer destapa.

O gato, cando é grande, pouco lambe.
O gato, cando vai grande, pouco lambe.
O gato, canto máis grande, menos lambe.
O gato, limpeza; o can, resguardo; i-o galo, unha alegría.
O gato, por lamber, nunca foi cheo.
O gato, por lamber, nunca se veu cheo.
O labrador entre dous abogados está como o peixe entre dous gatos.
O lobo muda de pelo pero non de condición.
O lobo non ve tod'o que queda no monte.
O lobo perde do pelo pero das mañas non.
O lobo vello caza á espera.
O lobo, onde cría, non é donde fai a matanza.
O mal tempo logo cansa Dios te mande o sol, que che hei de dar o boi millor, i-a vaca marela, i-a filla como ela, i-o porco ruzo que anda no puzo, i-o porco branco que anda no campo, i-a galiña curupeluda que pon os ovos prá seitura.
O maor rendemento do ganado é o esterco ben aproveitado.
O marrao do abril vai ca mai ó chamberil.
O marrao do maio, cebalo todo o ano.
O marrau de cedo, ou dá carne ou sebo, e o de tarde, nin sebo nin carne.
O marrau de xaneiro vai con seu pai ó talleiro.
Ó marrau, ano e amo.
O meu can foi ás zorras e desfixéronlle as nalgas todas.
O meu veciño ten unha viña: el a cava, el a bima, el a vindima.
O mosto que se colle en agosto non é mosto.
O mundo sube e baixa, xa o dice o peto.
O ollo do amo engorda o cabalo.
O ollo do gato ben ve o rato.
O paxaro da devesa, cando un canta, o outro pesca.
O perro e o gato dormen a cada rato.
O porco celeiro non quer compañeiro.
Ó porco gordo engordalo, e ó flaco arráncalle o rabo.
Ó porco gordo, untarlle o rabo.
Ó que lle dan o pé colle a man.
O que non ten penas, invéntaas.
O que queira o mel, ten que aguantar as aguilloadas.
O que se fai ovella cómeno os lobos.
O tolo i-o aire deixádeos que pasen.
O uso trai o abuso.
Ó vilán dádelle o dedo e colleravos a man.
Ó vilán dádelle un ovo e pediravos o aceite i-o sal i-o tixolo.
Ó vilán danlle o pé e agarra a man.
Onde hai abellas hai mel.
Onde hai dous paisanos, hai três abogados.
Os abogados fan ver do blanco negro.

Ós pes tortos dálle zocos.

Ovella e abella e pedra que trebella e péndola tras da orella, cobizaba pró seu fillo a vella.

Ovellas e abellas nas túas devesas, non nas alleas.

P

Padeza quen penas ten, que tras tempo, tempo vén.

Pascua xa verás cebado.

Pés afeitos a saltar non saben quedos estar.

Pés vezados a beilar non poden quedos estar.

Prá porta é a pechadura, e pró cabalo a ferradura.

Q

Quen cata o mel na colmea, aguante a picadura da abella.

Quen máis non pode, coa súa muller se deita.

R

Ricos son os que se deitan sin ansias en que pensar.

S

Se metes o ruín no teu palleiro, xá verás como se queda de teu herdeiro.

Se queres criarte gordo e san, a roupa do inverno pona no vran.

Se queres vivir san, a roupa do inverno traina no verán.

Se queres vivir sano, anda abrigado, come pouco e vive en alto.

Semente outra na terra estercada e ti na folgada.

Sofre acá e ganharás alá.

Sofre o pouco pra non sufrir o moito.

Sofre quen penas ten, que un tempo tras de outro vén.

Sofrir o pouco pra non sufrir o moito.

T

Tal palabra din, tal corazón che poñen.

Tal palabra me dixechе, tal corazón me puxeche.

Toma o que che dan e non chores polo que queda.

Toma o tempo asegún vén.

U

Unha cousa é a pintura e outra moi outra é a figura.

V

Vaise o ben ó ben i-as abellas ó mel.
Val máis suar que tusir e arrepiar.
Veñen os porcos do monte botarnos da nosa corte.
Vívese como se pode e non como se quer.
Vivimos como podemos e non como queremos.

X

Xa que hoxe non ceo, dácame acá o pandeiro.

Z

Zapato roto ou san, vale máis no pé que na man.

DADOS BIOGRÁFICOS



Nascido no ano de 1942, o escritor e poeta Salomão Rovedo tem sua formação cultural em São Luis (MA). Reside atualmente no Rio de Janeiro.

Participou de movimentos poéticos e políticos nas décadas 60 a 80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos.

Textos publicados: *Abertura Poética* (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo (1975); *Tributo* (Poesia), edição do Autor (1980); *12 Poetas Alternativos* (Antologia), Leila Mícolis/Tanussi Cardoso (1981); *Chuva Fina* (Antologia), Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte (1982); *Folguedos*, com Xilogravuras de Marcelo Soares (1983); *Erótica*, com Xilogravuras de Marcelo Soares (1984); *7 Canções* (1987).

E-books do escritor: *A Ilha, Chiara, Gardênia* (Novelas); *A apaixonada de Beethoven, A estrela ambulante, Arte de criar periquitos, O breve reinado das donzelas, O sonhador, Sonja Sonrisal* (Contos); *3 x Gullar, Leituras & escrituras, O cometa e os cantadores / Orígenes Lessa personagem de cordel, Poesia de cordel: o poeta é sua essência, Quilombo, um auto de sangue, Viagem em torno de Cervantes* (Ensaio); *20 Poemas pornos, 4 Quartetos para a amada cidade de São Luis, 6 Rocks matutos, 7 Canções, Amaricanto, Amor a São Luís e Ódio, Anjo pornô, Bluesia, Caderno elementar, Erótica* (com xilogravuras de Marcelo Soares), *Espelho de Vênus, Glosas Escabrosas* (com xilogravuras de Marcelo Soares), *Mel, Pobres cantares, Porca elegia, Sentimental, Suíte Picasso* (Poesia); *Cervantes, Quixote e outras e-crônicas do nosso tempo, Diários do Facebook, Escritos mofados* (Crônicas); *Cancioneiro de Upsala* (Tradução e notas), *Meu caderno de Sylvia Plath* (Cortes e recortes), *Os sonetos de Abgar Renault* (Antologia e ensaios), *Stefan Zweig - Pensamentos e perfis* (Seleção e ensaios); **Inéditos:** *Geleia de rosas para Hitler* (Novela), *Stefan Zweig - A vida repartida* (Ensaio).

E-books de "Sá de João Pessoa" (Pseudônimo): *Antologia de Cordel 1, Antologia de Cordel 2, Antologia de Cordel 3, Antologia de Cordel 4, Macunaíma em cordel, Por onde andou o cordel? Folhetos de cordel; jornalzinho de poesia Poe/r/ta.*

Colaboração esparsa: *Poema Convidado* (USA), *La Bicicleta* (Chile), *Poética* (Uruguai), *Alén* (Espanha), *Jaque* (Espanha), *Ajedrez 2000* (Espanha), *O Imparcial*

(MA), *Jornal do Dia* (MA), *Jornal do Povo* (MA), *Jornal Pequeno* (MA), *A Toca do (Meu) Poeta* (PB), *Jornal de Debates* (RJ), *Opinião* (RJ), *O Galo* (RN), *Jornal do País* (RJ), *Leitura* (SP), *Diário de Corumbá* (MS) – e outras ovelhas desgarradas.

E-books disponíveis em: www.dominiopublico.gov.br - www.projetolivrolivre.com

Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605 - Cachambi - CEP 20785-000 - Rio de Janeiro, Brasil - Telefone: (21) 2201-2604.

Contato: rovedod10@hotmail.com, rovedod10@yahoo.com.br, rovedod10@gmail.com

Blog: <http://salomaorovedo.blogspot.com.br/>

Direitos autorais:

Este trabalho está licenciado sob Licença Creative Commons - Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil: <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> - Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. **Observação:** Após a morte do autor, os direitos autorais retornam para seus herdeiros naturais.